



PUC  
RIO

MARIA RUTH SOUSA DANTAS DE ARAUJO

FEMINILIDADE X PARTICIPAÇÃO SOCIAL:  
A MULHER EM CONFLITO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

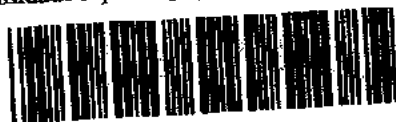
Departamento de Psicologia

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1982

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

N.Cham. 150 A663 TESE UC  
Título Feminilidade x participação social :



Ex.2 PUCB

0030503

EE - PUC DOAÇÃO

MARIA RUTH SOUSA DANTAS DE ARAUJO

FEMINILIDADE X PARTICIPAÇÃO SOCIAL:

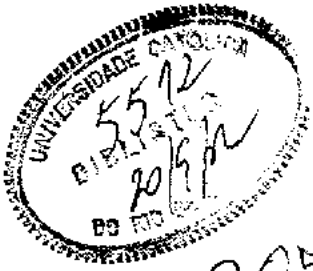
A MULHER EM CONFLITO

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Esther Frankel

Departamento de Psicologia  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1982



PC

30503

ADP  
A 663

TASEUC

UC 18951-7

Agradeço a

Esther Frankel, orientadora da dissertação, pela confiança depositada.

Jacira Safieh, pela dedicação e interesse com que me transmitiu seus conhecimentos.

Angela Pequeno e Antonio Marques, pelos comentários valiosos e pelo incentivo.

Valéria Andreiolo Sousa, pelo apoio e colaboração inestimáveis.

Meus pais, pelo interesse e apoio.

Rosária Barcelos, Virgínia Lucia de Oliveira e Vera Lucia da Silva, que me forneceram a infra-estrutura doméstica sem a qual este trabalho não teria sido possível.

## RESUMO

Procurou-se no presente estudo delinear o sistema de representações através do qual um grupo de mulheres, pertencentes ao mesmo estrato das classes médias (profissionais de nível superior), percebe as suas relações com o próprio trabalho e lhes confere um sentido. O material utilizado para tal fim consistiu, basicamente, nos discursos obtidos por meio de entrevistas, e analisados segundo uma modalidade de análise de conteúdo. Procurou-se relevar nos discursos a predominância relativa das esferas de atividade doméstica e pública e sua repercussão afetivo-emocional na vida destas mulheres. Mostrou-se finalmente que o significado que toma o trabalho para cada uma delas reflete o seu posicionamento na estrutura ocupacional da sociedade.

## ABSTRACT

An attempt has been made to delineate the system of representations which underlie the relationship of middle class graduated women with their work. The women's speech has been subjected to a specific type of content analysis, in order to bring out the relative importance of the domestic and public activities as well as its effects on their lives. It is shown that the meaning work assumes to each of these women reflects their position in the occupational structure of society.

## SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO .....	1
2 - METODOLOGIA .....	5
2.1 - Procedimentos .....	6
2.1.1 - Obtenção do material .....	6
2.1.2 - Sujeitos .....	10
2.2 - Método .....	12
2.2.1 - Considerações Gerais sobre Análise de Conteúdo .....	12
2.2.2 - Análise Cultural .....	18
3 - ANÁLISE DOS DADOS .....	24
3.1 - Introdução .....	25
3.2 - O Clima Afetivo .....	25
3.3 - Domésticas ou Profissionais? .....	30
3.4 - A Lógica da profissionalização feminina .....	38
4 - CONCLUSÃO .....	43
5 - ANEXOS .....	45
5.1 - As estruturas dos discursos .....	46
5.2 - Os protocolos do TAT .....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	66
BIBLIOGRAFIA .....	69

## 1. INTRODUÇÃO



Este trabalho é o produto de um duplo interesse. O primeiro, de ordem mais geral, refere-se às manciras como se dariam as articulações entre o psicológico e o social. As teorias es- tritamente psicológicas sempre me pareceram insatisfatórias quan- to ao provimento cabal de instrumentos que pudessem explicar a regularidade dos comportamentos de grupos determinados de pes- soas. A constatação empírica desta regularidade correspondia u- ma fascinação pelos mecanismos subjacentes a esta grande "orque-s tra sem regente" que é a sociedade.

O segundo interesse diz diretamente respeito à problemáti- ca feminina. Esta problemática caracteriza-se, em seu aspecto mais geral, pela posição subalterna assumida pela mulher ao lon- go da história da humanidade.

Desde que os estudos antropológicos colocaram em cheque o mito do matriarcado primitivo, pode-se dizer, com certa seguran- ça, que em praticamente todas as sociedades conhecidas as mulhe- res estão subordinadas a um maior ou menor domínio masculino. A universalidade da dominação masculina é hoje aceita como um fe- nômeno inequívoco por estudiosos de todos os ramos das ciências humanas. Como afirmam Rosaldo e Lamphere (1979), "embora alguns antropólogos discutam a existência ou não de verdadeiras socie- dades igualitárias e todos concordem que há sociedades onde a mulher alcançou reconhecimento e poder social considerável, nin- guém viu uma sociedade onde a mulher possuía poder publicamente reconhecido e autoridade superior à do homem" (p.19). Mead (1969) observa que "quaisquer que sejam as disposições com respeito à descendência ou posse de propriedade, e mesmo que esses arran- jos exteriores formais se reflitam nas relações temperamentais entre os dois sexos, os valores de prestígio sempre se ligam às ocupações masculinas" (p.287). Na medida em que este fenômeno transcende todas as formações sociais, o recurso à biologia im- põe-se como fator explicativo. Apesar de alguns autores priori- zarem o aspecto biológico<sup>1</sup>, este, por si mesmo, é incapaz de

---

1. É o caso de Freud, por exemplo, quando pretende explicar as diferenças psicológicas e sociais entre os sexos a partir da sua distinção anatô- mica. cf. Freud, 1925, 1932.

dar conta não só da extrema variedade de comportamentos característicos de cada sexo, como também das diferentes maneiras de hierarquizar esses comportamentos no interior de cada grupo humano. Por esta razão, a maioria dos autores tenta integrar os dados biológicos em contextos explicativos mais amplos, que diferem entre si segundo privilegiem, por exemplo, as relações de parentesco, a cultura, as relações de poder, os regimes de produção e circulação de bens (as relações de produção).

Sem, portanto, desconsiderar que os sexos são biologicamente diferentes<sup>2</sup> é na interpretação que cada sociedade dá à categoria sexo que deve ser buscada, senão a explicação última, pelo menos uma compreensão do "status" que os membros de cada sexo gozam no seu interior. Pois todas as sociedades possuem um sistema classificatório com base no sexo que rege a produção de indivíduos "sexuados" (através de uma socialização diferencial, por exemplo), ampliando, negligenciando ou mesmo contornando as influências biológicas segundo estilos que lhes são peculiares, de modo que "este complexo chamado gênero ... é quase inteiramente uma consequência social, e não biológica das atividades da sociedade" (Goffman, 1977, p. 303).

A partir deste enfoque, que alia ao segundo o primeiro interesse referido acima, fêz-se necessário um estreitamento do universo de sujeitos a ser considerado. Pois, consonante com a perspectiva adotada, Saffioti (1979) afirma que não existe uma mulher genérica, mas "mulheres localizadas na estrutura social e arcando com o ônus desta inserção" (p.33). Por razões que serão esclarecidas no corpo do trabalho, selecionaram-se mulheres pertencentes aos estratos mais elevados da classe média e que trabalhassem em profissões de nível superior.

Quanto ao objeto de estudo, tentou-se apreender, junto a estas mulheres, a maneira como percebiam o seu trabalho, o sen-

---

2. Para uma revisão razoavelmente ampla dos achados biológicos que distinguem os sexos, cf. Nash, 1970.

tido que lhe era atribuído e os reflexos destas representações sobre sua vida em geral.

O trabalho feminino tem sido alvo de estudos diversos por parte de pesquisadores sociais. Ao mesmo tempo, as mais díspares correntes feministas colocam-no como condição "sine qua non" da libertação feminina. Todo este interesse em torno do trabalho da mulher e a importância que lhe é imputada hoje em dia, tiveram, sem dúvida, grande ressonância, especialmente junto às mulheres de classe média que, por tradição, dedicavam-se exclusivamente ao lar. Socializadas fundamentalmente para assumir um papel doméstico e, apenas em segundo lugar para ter uma profissão, as mulheres desta classe raramente seguiam uma carreira. Deste modo, o grupo estudado poderia ser considerado quase uma exceção não fosse a tendência, observada atualmente na sociedade brasileira, de aumentar o poder aquisitivo da família de classe média, através da complementação do salário do marido com os rendimentos auferidos pela mulher, tendo em vista que o primeiro já não responde pela satisfação das necessidades geradas pela sociedade de consumo.

Estas condições socio-econômicas acrescidas do impacto das idéias feministas, estão certamente repercutindo sobre as imagens que estas mulheres têm do seu trabalho e de si mesmas. O delimitamento destas imagens constitui-se o foco da presente investigação.

## 2. METODOLOGIA

## 2.1 - Procedimentos

### 2.1.1 - Obtenção do material

O interesse que norteou este trabalho não foi, em momento algum, fazer afirmações gerais sobre a mulher ou sobre um tipo qualquer de mulher. A tradição acadêmica vem acumulando, sobretudo nos últimos anos, um enorme cabedal de conhecimento desta natureza. Assim, por exemplo, sabemos que as mulheres são mais verbais do que os homens, têm mais medo do sucesso do que eles, são "externas" quanto ao locus de controle, e assim por diante. Ao contrário, interessava-me conhecer o modo particular de percepção, compreensão e organização característicos de um tipo de mulher a respeito do lugar ocupado por sua atividade profissional na sua vida em geral.

Como obter um material que possibilitasse o acesso a esses fenômenos foi então a primeira decisão a ser tomada. As formas tradicionais de questionários e entrevistas dirigidas me pareceram insuficientes ou mesmo inadequadas para suscitar o aparecimento do material em toda sua riqueza. Restava, portanto, das alternativas ao meu alcance, o recurso a um tipo de entrevista mais livre, sem que houvesse o mínimo de interferência do entrevistador.

Este tipo de entrevista, que se pode considerar como uma transposição ao campo da investigação psicossocial da entrevista "não-diretiva" idealizada por Rogers, apesar de ser bastante utilizada por psicólogos e psicossociólogos, apresenta-se como uma faca de dois gumes, tantas são as armadilhas que ela impõe ao investigador que as utiliza de modo ingênuo.

Kandel (1980) faz uma crítica rigorosa dos fundamentos, pressupostos e efeitos da utilização de tal instrumento na pesquisa. A não-diretividade da entrevista, afirma ela, "é, no melhor dos casos, um desejo ingênuo e, no pior dos casos, uma mistificação perigosa na medida em que os que a praticam não têm consciência disso" (p. 175). Resenhando várias pesquisas, mostra como que, até no contexto terapêutico, as menores intervenções verbais do

entrevistador produzem efeitos na maioria das vezes não intencionados e até mesmo não percebidos. Outras variáveis que exercem influência na produção do material referem-se a características do entrevistador tais como sexo, raça e mesmo suas opiniões, atitudes e expectativas. É principalmente neste nível não verbal que as dificuldades se avolumam. Acrescente-se a estas aquelas derivadas da própria estrutura da situação de entrevista, que impõe uma assimetria profunda aos pólos da interação: o poder concentrando-se no pólo entrevistador, tanto em termos da iniciativa da entrevista, quanto da proposição de temas, como também da utilização do material obtido.

Tendo presente todos esses questionamentos, algumas medidas foram tomadas no sentido de neutralizar tanto quanto possível os "efeitos de influência não desejada". Uma delas consistiu na delimitação do tipo de mulher que seria abordado. Tanto no que concerne à classe social, como também à faixa etária e ao nível educacional, procurou-se manter a maior homogeneidade possível com a entrevistadora. A questão da assimetria ficava, assim, em parte, diluída na medida em que as entrevistadas viam em mim uma mulher como elas, que lhes propunha um tema que tinha um lugar relevante em suas reflexões e conversas com seus grupos de pares, mas sobretudo, que compartilhava com elas da mesma problemática que o tema colocava. Este fato facilitou enormemente o contato, que se deu num clima informal. É preciso que se deixe claro que todos os cuidados foram tomados de minha parte quanto a intervir o menos possível. Devo confessar, entretanto, que, relendo as transcrições, pude perceber falhas neste propósito devidas principalmente a fenômenos de natureza "contra-transferencial".

Restava, assim, um problema que dizia respeito às percepções (justificadas ou não) que essas mulheres teriam de minhas expectativas. É perfeitamente presumível que uma mulher fazendo pesquisa para uma tese de mestrado seja mais facilmente identificada ao estereótipo de mulher "liberada" do que ao de mulher "tradicional". As respostas obtidas na entrevista poderiam estar sendo pautadas no sentido de moldar uma imagem que fosse "agradável" à entrevistadora, imagem esta que, mesmo não sendo de todo "fal-

sa" eludiria aspectos importantes do universo de representações dessas mulheres, ocultados por "inconfessáveis" a este tipo específico de entrevistadora. Este problema superpõe-se a outro que se lhe assemelha: a entrevista colocava em jogo zonas dependentes do controle "intelectual" dos sujeitos, ficando subentendidas as zonas de determinação às quais eles não têm acesso.

A estratégia utilizada para dar conta dessas dificuldades foi a introdução, ao lado da entrevista, de algumas lâminas do Teste de Apercepção Temática de Murray. A utilização dos dois instrumentos - entrevista e teste projetivo - não significa, em absoluto, uma valorização quanto à maior ou menor sensibilidade destes em "revelar" a verdade do sujeito. Não se trata aqui de obter um discurso, no qual o sujeito diz o que pensa, e depois "falseá-lo" confrontando-o com a "verdadeira versão" proporcionada pelo teste projetivo. Pelo contrário, os diferentes discursos participam de uma maneira que lhes é peculiar (quanto tributária do instrumento que os originou) da "realidade" do sujeito.<sup>3</sup> A grande vantagem na utilização destas duas fontes de discursos é a possibilidade de "por em evidência que o processo de racionalização que tem lugar nas representações e na consciência vivida, toma emprestado, às "representações" fornecidas pela ideologia, elementos que permitem uma reconstrução de sua realidade conflitual, conforme as normas e representações dominantes" (Palmade, 1974, p.78).

Teoricamente, esses dois instrumentos proporcionam discursos que funcionam em diferentes registros, na medida em que eles fornecem canais de expressão, por um lado, dos elementos plenamente aceitos como próprios pelo sujeito e, por outro, dos elementos alienados, recalcados, não reconhecidos na leitura de si. O teste projetivo vem a ser, então, o meio que garante uma certa proteção ao sujeito quanto ao reconhecimento (custoso porque conflitual) destes elementos de alienação.

---

3. cf. Palmade, 1974, p.78, para uma análise do estatuto de "verdade" comum a discursos obtidos por diferentes métodos.

A obtenção do material pode então ser sumariamente descrita da seguinte maneira:

1. No primeiro momento do contato, feitas as apresentações, era esclarecida a finalidade da minha visita. Eram colhidos então os dados puramente informativos (idade, número e idade de filhos, natureza do trabalho, horas semanais de trabalho, nível de renda aproximado, número de empregadas).
2. Procedia-se então à aplicação de cinco pranchas do TAT: 3MF, 4, 8MF, 9ME e 18MF. Estas lâminas foram escolhidas pelo alto grau de sugestão que proporcionam para o desencadeamento de histórias emocionalmente densas, referidas à mulher.
3. Em seguida, dava-se início à entrevista propriamente dita. Esta consistiu na proposição dos temas e foi deixado a cargo dos sujeitos a exploração destes com a maior liberdade possível de expressão pessoal e de estruturação do discurso. As minhas intervenções ocasionais eram mais no sentido do esclarecimento de pontos do discurso que haviam ficado obscuros para mim. As perguntas feitas tiveram também o objetivo de delimitar mais claramente a posição dos sujeitos frente às questões que estavam sendo abordadas. Apenas dois temas foram propostos: trabalho e sexualidade. Apesar de somente o primeiro dizer respeito diretamente ao fenômeno que se queria observar, o segundo podia me dar indicações preciosas sobre as repercussões da participação social nas representações da feminilidade.

Todo esse material foi gravado com o consentimento explícito dos sujeitos. O tratamento a que foi submetida a entrevista será descrito mais adiante. Quanto às histórias obtidas no TAT, foram usadas de uma forma mais livre, visando principalmente introduzir nuances nas representações obtidas através da entrevista. Não utilizei as diretivas de Murray, nem mesmo o método de Silva (1981)<sup>4</sup>, pois não estava interessada na configura-

---

4. Esta autora propõe, para a análise dos testes projetivos, a utilização



ção psicológica dos sujeitos, mas em como eles, enquanto personalidades únicas, veiculam o social. Desta forma, a utilização do TAT no contexto desse trabalho enquadra-se na afirmação de Augras (1980): "... há numerosas maneiras de interpretar o TAT. Schneidmann levanta dezenove variantes. Melhor seria dizer que cada qual interpreta o TAT como quiser" (p.158).

### 2.1.2 - Sujeitos

Foram entrevistadas cinco mulheres, com idades variando entre 28 e 31 anos. Todas eram profissionais de nível superior e trabalhavam<sup>5</sup> em suas respectivas profissões, em horários variados. As profissões representadas neste grupo são: engenharia, medicina, serviço social, psicologia e filosofia. Todas também tinham de um a dois filhos (três tinham dois filhos e duas tinham um filho). A idade dessas crianças variava de 9 meses a 6 anos. Outra característica comum a este grupo refere-se ao nível de renda e à área residencial: o grupo pode ser enquadrado nos altos estratos da classe média do Rio de Janeiro, residindo na Zona Sul (três moravam no Leblon, uma no Jardim Botânico e outra em Botafogo). Estas mulheres eram-me desconhecidas até o momento da entrevista e foram-me indicadas por pessoas das minhas relações por se enquadrarem nas características previamente estipuladas: profissionais de nível universitário, na faixa etária entre 25 e 35 anos, que trabalhassem e que possuíssem, pelo menos, um filho em idade pré-escolar.

Após contato telefônico, era marcada a entrevista na própria residência da pessoa em questão. Estas entrevistas duraram em média uma hora e quarenta minutos e, como já foi dito, ocorreram num clima de descontração e muita abertura.

Gostaria de abrir aqui um parêntese e justificar o número tão exíguo de sujeitos entrevistados. O pressuposto que sus-

---

da semântica estrutural de Greimas, a mesma que fundamenta a análise de conteúdo empreendida nas entrevistas. Apesar do interesse que desperta, a técnica pareceu-me extremamente onerosa. cf. Silva, 1981.

5. Uma delas havia defendido tese de mestrado uma semana antes. Como dedicou-se a este trabalho por mais de um ano e era bolsista, decidi mantê-la no grupo (e também porque trabalhara antes de dedicar-se ao mestrado).

tenta esta escolha é o de que "cada indivíduo é portador da cultura ou das sub-culturas às quais pertence e que é representativo delas (Michelat, 1980, p.194). Ou seja, o indivíduo, até em suas manifestações mais idiossincráticas, mais singulares, está revelando o modelo da cultura ou sub-cultura do qual faz parte. A teoria da prática de Bourdieu (1972) dá conta exatamente deste processo. Para ele, todo grupo submetido às mesmas condições objetivas de existência acaba por internalizar o que ele denominou "habitus" ou "ethos", que seriam sistemas de disposição duráveis que confeririam às representações e às práticas deste grupo um "sentido objetivo ao mesmo tempo unitário e sistemático, transcendendo às intenções individuais e aos projetos conscientes, individuais ou coletivos" (p.183). Assim, o "habitus" relativo aos membros de um grupo, por corresponder à interiorização de condições de existência idênticas, seria relativamente homogêneo e prescindiria, por isso, de uma concertação consciente das representações e práticas. É esta homogeneidade do "habitus" que garante, então, a regularidade das práticas. As variações individuais são entendidas aí como "variantes estruturais do "habitus" de grupo ou de classe ... sendo apenas um desvio, ele mesmo regulado e às vezes codificado, com relação ao estilo próprio de uma época ou de uma classe" (Bourdieu, 1972, p.189)

É claro que os indivíduos, ao longo de sua história, sofrem o impacto de instâncias socializadoras diversas que vão produzir configurações singulares às quais se costuma chamar "personalidade". Entretanto, por diversos que sejam os conteúdos objetivos transmitidos pelos agentes socializadores, cada indivíduo, no processo de "interiorização da exterioridade", se apodera não só desses conteúdos como também da estrutura que os informa e que é derivado das condições materiais de existência características da sua condição de classe.<sup>6</sup> Ou seja, não é o indivíduo, enquanto singularidade, que está em foco mas, no dizer de Cardoso (1978), "como o indivíduo processa enquanto tal os deter

---

6. A título de exemplo poderia ser lembrada a análise feita por Bernstein (1980), onde fica claro que, através do aprendizado da linguagem, é to da uma posição na estrutura social que é interiorizada, com seus correlatos em termos de costumes, aspirações, gostos, etc.

minismos sociais" (p.21).

Foi neste sentido que se buscou a maior identidade possível no que tange às condições objetivas definidoras deste grupo de mulheres. Além de pertencerem ao mesmo estrato social - e os indicadores deste fato são múltiplos - , estão inseridas na força de trabalho de modo análogo - enquanto assalariadas.<sup>7</sup> Penso assim poder esperar que surja, através da extrema variedade de manifestações discursivas obtidas, uma estrutura comum (correspondente ao que Bourdieu chama de "habitus") que, com toda certeza, escapa à consciência dessas mulheres na medida em que "é história feita natureza, quer dizer, negada enquanto tal porque realizada numa segunda natureza; o "inconsciente" sendo sempre, com efeito, o esquecimento da história que a própria história produziu incorporando as estruturas objetivas que ela produz nessas quase naturezas que são os 'habitus'". (Bourdieu, 1972, p.179)

## 2.2 - Método

### 2.2.1 - Considerações Gerais da Análise de Conteúdo

As Ciências Humanas em geral lidam muitas vezes, em suas pesquisas, com material de natureza verbal. Este tipo de "matéria prima" demanda uma sistemática de tratamento que é conhecida genericamente como "Análise de Conteúdo" ou "Análise do Discurso". Entretanto, o campo da prática designado por esses termos está longe de apresentar qualquer uniformidade. Henry e Moscovici (1968) iniciam seu artigo afirmando que "a análise de conteúdo é um conjunto heterogêneo de técnicas utilizadas para tratar materiais lingüísticos" (p.36 ). Além da variedade das fontes onde esses materiais são recolhidos - documentos, artigos de jornal, testemunhos, discursos políticos, obras literárias, entrevistas, etc. - as técnicas utilizadas em sua análise são de uma diversidade quase tão grande quanto o número de seus usuários.

No caso do presente trabalho, o interesse pelas representações que um grupo de mulheres sustenta sobre si mesmo conduziu-me a privilegiar o discurso dos sujeitos como material a

---

7. Vide nota nº 5.

ser trabalhado, decidindo-me, previamente a lançar mão da análise do discurso como instrumental.

Dentre as inúmeras propostas metodológicas que se me apresentavam, a escolha daquela com a qual iria trabalhar ofereceu i números problemas. Gostaria de fazer uma pequena descrição do que vem a ser esse campo, de forma a situar melhor a opção finalmente feita e a estabelecer explicitamente os limites desta opção que concerne aos resultados do trabalho.

A análise de conteúdo não é um procedimento estritamente lingüístico, ou seja, ela não conduz ao estudo nem da linguagem, nem da língua. Segundo Henry e Moscovici (1968), "...a análise de conteúdo visa ... a determinação, mais ou menos parcial, do que chamaremos as condições de produção dos textos que são seu objeto. O conjunto de condições de produção constitui o campo de determi nações dos textos" (p. 37). Em outras palavras, uma análise de conteúdo tem por objetivo permitir inferências seja sobre os fatores sócio-culturais, seja sobre a psicologia individual, seja sobre a própria situação de comunicação que, em conjunto, supra-determinam o texto em questão.

Para que tal intenção seja plenamente realizável, quer zer, para que a análise de conteúdo preencha os requisitos de ojetividade, validade e generalização necessários a uma maior aproximação da verdade científica, algumas pré-condições devem ser satisfeitas. Em primeiro lugar, deve-se dispor de uma teoria do discurso que dê conta cabalmente da questão do sentido. A ausência de uma tal teoria, que presida a prática da análise de contéudo, se reflete nas diferentes maneiras com que essa questão é colocada, implícita ou explicitamente, pelas várias modalidades de análises existentes. Assim é que para algumas o sentido é o que se vai decifrar, ele já está lá, bastando apenas descobri-lo; para outras o sentido é dado pela teoria interpretativa aplicada aos "dados objetivados" que a análise de conteúdo permite retranscrever; para outras ainda, o sentido está no "parti pris" interpretativo que o analista impõe por seu sistema de codificação e para outras, enfim, o sentido é uma produção do trabalho de a-

nálise, e que é instaurado no dizer do sujeito (Levy, 1974, a). A partir desta distinção, as práticas se ramificam e tomam, no contexto das pesquisas, o lugar seja de uma "técnica de observação", seja de um método de "retranscrição", seja de um "código de registro da leitura" (Canto-Klein, 1974).

Esta não é, porém, a única lacuna com a qual se depara quem busca neste campo um instrumental de trabalho. Outro grande vazio concerne à "articulação entre as estruturas semânticas e lingüísticas e às estruturas psicológicas ou sociológicas dos sujeitos dos enunciados" (Levy, 1974, a, p.7). Ou seja: não bastaria uma teoria do discurso para que as ciências humanas pudessem dispor enquanto "dado" (i.e., objeto construído) do imenso manancial lingüístico ao seu alcance. Seria também necessário um corpo teórico que desse conta da articulação entre teoria do discurso e teorias psicológicas ou sociológicas, ou, nos termos de Henry e Moscovici (1968) das interrelações entre o plano horizontal (de análise dos textos) e o plano vertical (da análise das condições de produção).

Assim, qualquer que seja o grau de sofisticação metodológica de uma proposta de análise de conteúdo, onde quer que ela vá buscar sua legitimação "científica" (na lingüística, na psicanálise, na estatística), resta sempre, em maior ou menor grau, um espaço onde o arbitrário é senhor absoluto, onde não há justificação final possível. A impossibilidade de tudo clarificar - seja ela uma limitação determinada apenas pelo grau de avanço no campo da análise de conteúdo, seja ela uma condição invariante ao fenômeno lingüístico - impõe uma prudência no manejo da técnica e uma postura despretensiosa frente ao alcance dos resultados.

Do ponto de vista teórico, essas são as observações que gostaria de fazer e que correspondem às dúvidas que me foram suscitadas quando da busca do instrumento de trabalho. Para mim, como de resto para os autores que lidam com análise de conteúdo, elas permanecem sem elucidação. A resolução de utilizar uma técnica de análise de conteúdo apesar de suas insuficiências teóricas deve-se ao fato de que, conquanto na teoria tudo esteja por

ser feito, os resultados das aplicações das diferentes modalidades de análise têm-se mostrado relevantes e de grande valor heurístico, razão pela qual, creio, constatar-se-á uma expansão enorme no uso deste tipo de procedimento.

Estabelecidas essas ressalvas, gostaria agora de me deter na técnica escolhida e tentar situá-la no conjunto de procedimentos que constitui o campo da análise de conteúdo, além de explicitar (até onde me for possível) seus pressupostos e esclarecer, suscintamente, seu "modus operandi".

As modalidades de análise de conteúdo mais conhecidas na atualidade podem ser classificadas, apenas à guisa de descrição, em três grandes grupos: 1) aquelas para as quais o discurso contém indicações claras, e mesmo mensuráveis, sobre as propriedades de um sujeito histórico definido em relação a uma teoria sociológica ou psicológica - é o caso da análise de conteúdo clássica (temática: Berelson, Lasswell, Cartwright), da análise automática do discurso (Pêcheux), das técnicas documentais (Canto-Klein e Ramognino, 1974), da psicanálise aplicada, da análise estrutural; 2) as que consideram o discurso como um fragmento representativo de um sistema de língua, tendo uma estrutura e um funcionamento identificáveis - é o caso da semântica estrutural, semântica gerativa, semântica do discurso, semiótica geral; 3) as que tomam o discurso enquanto um momento de um processo analítico - como é o caso da psicanálise e da análise de grupo (Lévy, 1974, b).

O método que foi utilizado faz uma combinação dos itens 1 e 2 desta classificação, na medida em que se utiliza da semântica estrutural (principalmente Greimas) dentro de um contexto de uma teoria sociológica das produções culturais. Este método vem sendo desenvolvido por J.P. Hiernaux e J. Remy, na Universidade de Louvain-la-Neuve, sob o nome de Análise Cultural.

Em princípio, é importante que se esclareça que "a leitura que a análise estrutural dos relatos autoriza não é certamente a única possível" (Flahault, 1974, p.119). Ou seja, outra

modalidade de abordagem, outra técnica de análise, poderá chegar a uma compreensão diversa do mesmo material. Mas não se pode atribuir apenas à ferramenta analítica (e ao que ela impõe em termos de referencial teórico) a possível diversidade dos resultados.

Faço referência aqui, pois é uma questão que considero de fundamental importância para não ser mencionada, ou para ser deixada implícita, ao papel do analista na produção final do sentido (ou, melhor dito, de um sentido). Flahault (1974) discute em seu artigo os "efeitos de filtro", como ele chama, que as pré-concepções do analista exercem sobre seu ato de leitura. Dada a impossibilidade da explicitação total do sistema de idéias do leitor-analista, torna-se praticamente impossível escapar a esta limitação. E o próprio Flahault conclui que são necessárias certas precauções (como, por exemplo, ter consciência clara destas dificuldades) pois "o rigor de um método jamais proporcionou uma garantia contra o erro ou o impasse" (1974, p.125).

Preocupada com as "determinações estruturantes que operam no processo de produção de sentido" (p.55), Palmade (1974) procurou examinar a especificidade dos efeitos que determinadas contingências institucionais, financeiras, cronológicas, ideológicas, interpessoais tiveram na prática da análise de conteúdo e no sentido dos resultados. Em seu artigo, que relata o próprio processo da pesquisa, fica evidenciada uma preocupação da equipe em analisar cada etapa a fim de clarificar o mais possível suas determinações (ideológicas, inconscientes, etc.), ou seja, o trabalho empírico foi dosado permanentemente com a crítica epistemológica. Vale ressaltar que, dentre os fatores "determinantes de sentido", aquele referente aos pesquisadores (e sobretudo aos seus inconscientes) foi um dos mais detalhadamente considerados. A conclusão que a autora tira desse processo é que "essas novas discussões [referentes aos questionamentos da equipe] nos fizeram "compreender" (reconhecer na vivência) o caráter in-terminável desse trabalho e a vaidade (vacuidade) do projeto de "cientificidade!" (p.86).

A ilusão de que a técnica possa contornar esse problema

baseia-se na crença de que o sentido pode ser produzido de uma maneira mecânica, sem intervenção do analista enquanto sujeito. Ora, nem mesmo no ato de produção do discurso quando se considera um caso como o do presente trabalho, em que o discurso foi produzido numa situação "tête-à-tête", a pessoa do analista deixa de exercer efeitos sobre o sujeito que fala e, portanto, sobre aquilo que ele fala (como já bem mostraram a psicanálise, a teoria da comunicação e diversas pesquisas sociológicas). Estas condições, aliadas à experiência adquirida no trabalho de análise, são as razões pelas quais estou de acordo com Lévy, quando ele afirma que "o texto se anima progressivamente para o analista quando, vivendo nele, ele o fecunda de novas associações e interpretações que são, por sua vez, confrontadas ao texto" (1974, b, p. 54) e "seria então vão e absurdo pretender uma exaustividade do que estaria contido no texto, vão querer esgotar a riqueza do texto, sendo a única exaustividade realizável aquela do esgotamento das capacidades interpretativas, livre-associativas do analista" (1974, b, p. 54 ).

Antes de entrar no método propriamente dito, resta considerar a maneira como encaro as conclusões deste trabalho, os resultados aos quais cheguei. Seria ingênuo pretender o estatuto de "verdade científica" para essas conclusões. Ao invés da "verdade", tomei antes a verossimelhança como alvo. Ou seja, dada a conjuntura na qual o trabalho se desenvolveu e a pessoa que o empreendeu, é provável que as coisas se passem tal como estão relatadas. Não gostaria de ter chegado a um fim: "... e alcançar um fim é alcançar um princípio. /Fim é o lugar de onde partimos. .../Não cessaremos nunca de explorar/, E o fim de toda a nossa exploração, /Será chegar ao ponto de partida/ E o lugar reconhecer ainda /como da primeira vez que o vimos." (Eliot, 1967)

Assim, quanto ao lugar das conclusões deste trabalho, encaro-as da maneira como Lévy tão bem explicitou: "o produto da análise pode também ser concebido como um texto contingente, fazendo apelo a uma história, a um seguimento que não pode jamais ser concluído, mas continuado por outros discurs-



so mantidos por outros. É então necessário que o discurso do analista, longe de ser um discurso fechado, assumam em sua estrutura as faltas e falhas que marcam sua incompletude - sua eficácia se definindo não com relação à sua utilidade social ou pessoal, mas por sua propriedade de abrir campos de palavras e, por que não, pelo prazer que ele pode proporcionar" (1974, b, p. 58).

### 2.2.2 - Análise Cultural

O instrumento analítico utilizado neste trabalho constitui uma versão ligeiramente modificada da metodologia criada por Rémy e Hiernaux no Centro de Sociologia Urbana e Rural da Universidade de Louvain-la-Neuve. Dada sua extrema complexidade, seria impossível fazer aqui uma descrição pormenorizada desta metodologia. Limitar-me-ei, portanto, às indicações que considero essenciais para uma visão global do referido procedimento.

Como já foi dito, o método, denominado por seus atores de "análise cultural", reelabora diversos elementos da análise estrutural, especialmente as contribuições da semântica estrutural de A.J. Greimas que, retomadas numa perspectiva sociológica, permitem isolar e reconstruir "modelos culturais" que, por sua vez, são ressitoados em suas ligações com o psíquico e o social. Uma das funções deste método seria, exatamente, buscar uma articulação entre o psíquico e o social. Como esta articulação é proposta será visto a seguir.

A análise cultural tem por objetivo "tornar disponíveis e sistematizar os materiais que permitiriam compreender e analisar, ao nível de suas incidências e de sua significação nas práticas sociais globais e particulares, os modos de produção, de operação e de consequência de certos conteúdos culturais" (Hiernaux, 1973, p. 173). A prática social dos atores é vista aqui como sendo determinada por dois tipos de fatores: 1) aqueles ligados aos efeitos da estrutura social e das relações de poder que ela estabelece; 2) aqueles ligados à incidência, sobre os atores, de campos de significação socialmente produzidos, ou seja, de conteúdos culturais específicos (campo cultural). Estas duas ordens de fatores mantêm entre si uma relação que é simultânea -

mente de determinação e de autonomia. De determinação na medida em que as condições objetivas de produção tendem a produzir, pelas práticas que elas impõem, um conjunto de significações que são interiorizadas pelos atores. E de autonomia relativa pois, uma vez produzido, este conjunto de significações adquire uma dinâmica própria, distinta das vicissitudes que regem a dinâmica estrutural da sociedade.

Esta postura teórica, que poderia ser encarada como a pedra de toque do edifício da análise cultural, se aproxima bastante das proposições desenvolvidas por Pierre Bourdieu. De fato, é na noção de "habitus" e "ethos" que pode ser encontrada a melhor justificação teórica para o método. Segundo Bourdieu, "a prática não é uma reação mecânica diretamente determinada pelas condições antecedentes. A prática é ao mesmo tempo necessária e relativamente autônoma com relação à situação considerada em sua imediatez pontual porque ela é o produto da relação dialética entre uma situação e um "habitus", entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a todo momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações" (Bourdieu, 1972, p.178).

É a dialeticidade da relação entre o fator estrutural e cultural (que se concretizam, para o sujeito, como situação e "habitus"), apreendida, na análise, através das categorias de determinação e autonomia (que são apenas momentos polares de um mesmo processo), que vai determinar a configuração particular tomada pelo campo cultural. Assim, este campo cultural é heterogêneo, na medida em que são heterogêneas as localizações estruturais dos atores. Ele comporta contradições dado que não só reflete aquelas inerentes ao fator estrutural, como também, evoluindo mais lentamente, conserva formações originadas em fases já ultrapassadas da estrutura social.

Este campo cultural é constituído, pois, de diversas combinatórias culturais que "definem, então, para os diversos grupos sociais e de maneira diferente para cada um deles, a leitu-

ra que eles podem fazer de si mesmos, e de suas possibilidades assim como os campos de significância cultural que lhe são abertos, quer dizer, igualmente, seus campos de competência cultural" (Hiernaux, 1973, p.177).

As combinatórias culturais são atualizadas pelos diversos grupos sob a forma das mais diferentes práticas, entre as quais têm lugar as representações que os atores sustentem sobre si mesmos. Cada "performance" cultural é, então, tratada com o objetivo de lhe extrair uma estrutura que funciona como uma gramática cultural. Implícita e difusamente, os discursos e as práticas cotidianas são gerados por uma espécie de "gramática" que lhes garante um efeito de reconhecimento social (na medida em que ela cria zonas de comunicação entre os membros aos quais ela é comum) como também um efeito de solidariedade entre os atores que dela compartilham. O problema que se apresenta neste momento é, então, o de buscar um instrumento que permita não apenas isolar a estrutura subjacente à "performance" mas, que os resultados assim produzidos possam ser ressitoados no seio do arcabouço teórico visto acima, de modo que possibilite lançar hipóteses sobre as articulações entre as condições de produção e as manifestações culturais.

O instrumento eleito para estes fins foi inspirado em Greimas, mas utilizado de maneira livre. O método greimasiano caracteriza-se por um alto grau de formalização. Hiernaux e Remy buscaram reduzir sensivelmente este formalismo tanto porque não se propunham a fazer lingüística como pelo grande investimento de tempo que sua utilização implicaria. Mesmo assim, o que eles mantiveram continua sendo, do meu ponto de vista, extremamente formal e dispendioso.<sup>8</sup>

Descreverei, portanto, o que foi, de fato, utilizado neste trabalho lembrando apenas que isto está calcado nos trabalhos dos autores já citados (Hiernaux, 1973; 1978; Hiernaux e Remy, 1975, 1976; Remy, Hiernaux e Servais, 1975; Greimas, 1976).

---

8. cf. Hiernaux, 1978, onde ele descreve, passo a passo, a sistemática de análise do discurso e formaliza em verdadeiras "equações" cada etapa. Estas equações são inteiramente dispensáveis, já que não acrescentam na

Para Greimas, assim como a percepção do mundo só é possível enquanto percepção de diferenças, no discurso um termo-objeto só toma sentido quando confrontado com outro de modo que, sob um fundo comum (conjunção), ressalte algo que possibilite que sejam distinguidos (disjunção). É no interior desta relação que o sentido é produzido. Este fundo comum é o conteúdo semântico da relação (eixo semântico) que totaliza e articula os dois pólos (elementos de significação ou semas). É sobre esta conceituação da estrutura elementar de significação que Hiernaux e Rémy constroem a noção de código enquanto o elemento mínimo que articula as "oposições fundamentais que asseguram a permanência do sentido" (Rémy, 1976, p.4).

A primeira etapa da análise consiste, então, em isolar estas oposições fundamentais ou códigos. Ainda ao nível do discurso procede-se em seguida à identificação da maneira como os códigos se combinam entre si (explicitação da gramática cultural). O discurso é, nesta perspectiva, uma das múltiplas versões suscetível de ser explicitada a partir de uma mesma gramática cultural. Os autores deste método levam esta análise a um grau de generalização tal que lhes vem permitindo construir "modelos" ou "simbólicas" culturais amplos o suficiente para possibilitar a classificação de qualquer modalidade de discurso. Até o momento quatro ordens simbólicas já foram delineadas: as simbólicas tradicional (ascética), promocional, carismática e socio-política.<sup>9</sup> Um modelo cultural resulta de combinações de sentido objetivadas através de códigos referentes a uma leitura de si, do social, do tempo, do espaço, e dos operadores do modelo. Assim, por exemplo, na simbólica tradicional (ascética) a leitura de si seria articulada em torno dos códigos:

Valor +	<u>Alto</u>	=	<u>Nobre</u>	=	<u>Realmente humano</u>	=	<u>Razão</u>
Valor -	Baixo		Vil		Infra-humano		Instinto

---

da em termos da utilização do método.

9. As duas últimas simbólicas foram estabelecidas mais recentemente e encontram-se menos desenvolvidas do que as duas primeiras.

enquanto na simbólica promocional a leitura de si estaria centrada nos códigos:

Valor +	<u>Completo</u>	=	<u>Realização de todas as potencialidades</u>	=	<u>Progresso</u>
	Incompleto		Não realização de todas as potencialidades		Regressão

Cada uma destas simbólicas tem suas condições ótimas de realização e expansão ligadas à existência ou de um contexto social global marcado por uma penúria relativa de bens e de meios (caso da simbólica tradicional) ou de um mercado por uma abundância relativa de bens e meios (caso da simbólica promocional). Entretanto, um conjunto social raramente pode ser caracterizado pela predominância exclusiva de uma ordem simbólica. Pelo contrário, a pluralidade de ordens simbólicas é a regra. Principalmente em momentos de mudança cultural constata-se que a simbólica veiculada pelos atores caracteriza-se por uma dinâmica complexa e apresenta uma relativa ambigüidade determinada pela articulação de componentes que pertencem a um e outro modelo. Este amálgama de modelos não se dá de maneira simples e sem consequências para os atores. Em geral as relações entre os elementos oriundos de modelos distintos são mais conflituais do que podem superficialmente parecer. "Num conjunto social, é possível que o sucesso relativo de um ou outro tipo de simbólica assinale as capacidades que têm um ou outro grupo de impor suas prioridades de sentido, tendo como consequência possível colocar problemas a outros grupos quanto às combinatórias através das quais eles poderiam exprimir seus interesses específicos. Isto pode repercutir ao nível dos atores em termos de prioridades a hierarquizar tendo em vista a pregnância das referências que se impõem e daquelas que não se pode, pelo menos imediatamente, abandonar sem ser desorganizado ou desmobilizado" (Rémy, et alli, 1975, p. 101).

A análise empreendida neste trabalho não teve por objetivo, como em geral acontece com os autores do método, enriquecer, dar maior precisão aos modelos culturais descritos acima. Por isto não serão explicitados ao longo do trabalho, embora possa-se perceber o quanto a análise está impregnada deles. Detive-me a apresentá-los pois é no âmbito da construção das simbólicas cultu-

rais que esta metodologia encontra sua finalização e, para seus au  
tores, sua razão de ser.

### 3. ANÁLISE DOS DADOS

### 3.1 - Introdução

O tema central das entrevistas é, obviamente, o trabalho. Os discursos foram desencadeados a partir da solicitação de que os sujeitos falassem sobre o papel representado pelo trabalho em suas vidas. A partir daí, cada uma das mulheres estruturou a resposta de maneira inteiramente pessoal. Desde as primeiras frases ou um pouco mais tarde, começam, então, a surgir referências a outras esferas além da profissional, quer dizer, apesar do foco ser o papel profissional da mulher, este encontra-se tão imbricado com outras esferas da vida que estas brotam espontaneamente nos discursos. De modo que o quadro geral que daí resulta extravasa amplamente o tema gerador e deixa transparecer a quase totalidade das condições de vida dessas mulheres.

Quaisquer que fossem os sujeitos (mulheres de outra classe, homens) o mesmo certamente ocorreria, na medida em que o espaço psicológico do indivíduo não é formado de zonas estanques, mas, ao contrário, que mantêm entre si um certo grau de permeabilidade. O que parece característico do grupo estudado são as zonas que se articulam diretamente com a esfera do trabalho, assim como a maneira peculiar com que se dá esta articulação.

Foi esta especificidade da estruturação dos discursos que se buscou apreender submetendo-os ao instrumento de análise descrito anteriormente. As estruturas obtidas encontram-se no anexo e serão agora desenvolvidas. Antes, porém, de empreender o esmiuçamento das estruturas assim isoladas, e de tentar relacioná-las às condições que possivelmente lhe deram origem, procurarei caracterizar o substrato afetivo-emocional que emerge quando essas mulheres falam de seu trabalho e de si mesmas.

### 3.2 - O Clima afetivo

O aspecto que chama imediatamente a atenção quando de uma primeira leitura das entrevistas realizadas é a impressão difusa de desorientação. Independente do grau de controle que cada uma dessas mulheres consegue exercer sobre a angústia concomitante a



um tal estado, vê-se surgir, aqui e ali ao longo dos discursos, expressos por qualificadores diferentes e em graus de elaboração distintos, sinais inequívocos de que essas mulheres se debatem numa espécie de "situação de crise". É o que se pode concluir a partir de depoimentos como estes:

"Eu tô sendo clara? Eu sou sempre confusa quando eu falo das coisas, porque as coisas também não estão claras para mim ... Eu fico tão nervosa que como desesperadamente, eu devia fazer regime, tá, mas pra fazer regime você tem que estar bem ... Então, isto é tensão, isso é porque eu não dou conta ... Eu estou absolutamente pinel. Eu não sei como você pode transmitir essa calma em ... desenvolvendo uma tese desse gênero".

"Eu entrei num caos psíquico de total insatisfação, insatisfação total e absoluta com as coisas que eu fazia ... Os sintomas melhoraram, tá, os conflitos continuam muitos deles ainda. A sintomatologia toda, a sensação que eu tinha é que era clara para mim, eu me senti um peru, tá, tonto, num círculo de giz ... As coisas realmente são cada dia mais confusas, não estão ficando nada claras, não".

Permeando todo o discurso ou circunscrito a algumas de suas partes, este estado emocional de desconforto está ligado a sentimentos de "angústia", "tensão", "insatisfação", "sufoco", "infelicidade", "vazio" e "caos". Ao mesmo tempo, todas são unânimes em afirmar que o trabalho é importante porque "realiza a mulher", "gratifica-a", "completa-a", "abre-lhe horizontes". Parece, então, que se a entrada da mulher no mundo do trabalho, da cultura, veio preencher algumas de suas necessidades introduziu também uma dicotomia na leitura de si mesma que está lhe impossibilitando dar um significado coerente à sua prática. Enquanto que para o homem, como já mostrou Mead (1969, 1971), o trabalho é o veículo privilegiado de sua definição social, da atualização e conformação de sua "masculinidade", para a mulher a realização de sua "feminilidade" não só não é garantida pela atividade profissional, como deve passar necessariamente pela esfera doméstica, e, mais particularmente neste grupo, pela maternidade. A falta de clareza na percepção de sua condição existencial, a "confusão" que sua vida lhe provoca, parece assim dever-se à fragmentação das condições de realização de si mesma enquanto mulher: realização emocional através da

maternidade, realização intelectual através do trabalho.

Essa "esquizofrenia" socialmente produzida é interiorizada por este grupo, assumindo a forma de uma percepção de si mesmas como divididas:

- " ... de não conseguir coordenar, não só as coisas dentro de casa, mas em todos os sentidos, quase como se existissem assim uma rachadura dentro de mim".
- " ... porque você trabalha na rua e fica griladíssima na rua com os filhos, chega em casa fica mais grilada ainda, culpada, tentando arrumar tudo, né".
- " ... uma divisão, assim, de sentimentos incríveis, começam a passar pela cabeça. Realmente eu ia dividida. Havia uma divisão incrível porque eu queria ficar com ele [com o filho]. Aí eu acho que pra compensar essa divisão ... eu levo pra minha mãe".

No TAT essa divisão interna fica patente tanto na construção de estórias antagônicas na mesma lâmina (como é o caso do sujeito 1 na 8MF e do sujeito 4 na 18MF), quanto na personificação de sentimentos antagônicos, ambivalentes, seja num único personagem (sujeito 3, lâmina 9MF; sujeito 4, lâmina 8MF; sujeito 5, lâmina 8MF), seja através de dois personagens distintos (sujeito 1, lâmina 9MF; sujeito 2, lâmina 9MF). (vide Anexo 2)

A falta de unidade na percepção de si pode ser constatada também, ainda no TAT, pela presença, no mesmo protocolo, de estórias onde o papel feminino aponta ora para um modelo "tradicional", ora para um modelo mais moderno de mulher. Observa-se, em todos os protocolos, a presença de personagens como a "mãe extremada", a "mulher passiva" (abandonada pela pessoa que lhe dava sentido), a "mulher indefesa" (que tem no companheiro um "protetor"), a "mulher caseira", ao lado de outros caracterizados pela auto-determinação, atividade, auto-confiança, reflexividade.

Os sentimentos ligados ao primeiro tipo de personagem são basicamente de insegurança, angústia, tristeza, aflição, enquan-

to o segundo tipo suscita dúvidas, perplexidade, conflitos, angústia, mas também deixa entrever um estado de maior bem-estar psicológico.

Nas entrevistas, o material de cunho mais afetivo fica diluído em meio às opiniões, relatos de situações ilustrativas, observações, etc., embora em alguns casos ele surja momentaneamente em toda sua clareza (vide citações acima). Entretanto, ao ser abordado o tema "sexualidade", o desconforto até então observado de maneira difusa é plenamente assumido por essas mulheres. Ao serem interrogadas sobre como viam sua sexualidade, se a encaravam de forma tranqüila, obtiveram-se as seguintes respostas:

"Não, griladíssima [ri] , trágico, outro, outro departamento. Essa tese, realmente, tese miseravelzinha a sua, heim, realmente. Puxa, mas isso é griladíssimo. É ... assim em termos ... primeiro, tabus, preconceitos, etc.,etc."

"Não, eu não acho que ainda seja sem grilo, não. Eu acho que o negócio assim, tem vários aspectos. Eu acho que mesmo [troca de fita] ... eu parti pra ter uma vida sexual ativa antes de casar e, de uma certa forma, é um negócio ainda bastante ... sabe, não foi tão descontraído..."

"Não, de primeiro eu acho que sexualidade é uma coisa que por melhor transada que seja não é sem problema, não".

"Da mulher, sempre mal, por definição, pelo menos a mulher que eu sou, a mulher que você deve ser. O que eu sei de ser mulher, eu sei até 30 anos de idade, mal. ... Não, um processo muito difícil!"

Somente uma das entrevistadas (a de maior orientação doméstica, como se verá mais adiante) refere-se à sua sexualidade como algo "normal", "sadio", "natural".

O reconhecimento, tão consensualmente expresso, da existência de problemas nesta área é acompanhado de explicações as mais variadas. As dificuldades são atribuídas aos efeitos seja de uma educação sexual retrógrada, seja de uma imposição sobre a mulher de uma norma que a quer sensual, seja das restrições impostas pe

lo caráter compulsório do casamento. Quaisquer que sejam, entretanto, as razões que possam ser alegadas na explicação deste fenômeno, o fato que mais ressalta é a acuidade com que o desconforto é aí percebido, discutido, explicado.

O que mais chama a atenção nas declarações acima é que elas partem de mulheres orgásticas, que valorizam a atividade sexual como uma "coisa boa", como fonte de prazer.

As duas últimas décadas foram prolíficas no que tange à pesquisa sobre a sexualidade humana, em geral, e feminina, em particular. Muitos mitos foram abalados, opressões denunciadas, alternativas apontadas. Todo este interesse em torno desta área acabou por fazer dela o local privilegiado, socialmente consentido, da emergência de "problemas". Assim é que ela se torna também o lugar autorizado de expressão de conflitos e insatisfações que, na maioria das vezes, tendo origem em outra(s) área(s), não encontram formas socialmente aceitáveis de expressão direta (Miller, 1976). O grau de idealização observado nos discursos sobre o trabalho e a maternidade é sugestivo de que aí, talvez, se encontrem as raízes de uma grande parte do clima de desconforto detectado.

Um último elemento que compõe o quadro afetivo característico deste grupo de mulheres liga-se às apreciações feitas por elas quanto à qualidade das relações homem-mulher hoje em dia. Apesar de algumas considerarem seus próprios maridos como exceções à regra do machismo ("ele não pode ser considerado um elemento da amostragem"; "pelo que eu conheço dos homens das amigas ele ... é o cara que mais ajuda"), todas encaram com uma certa reserva esta questão. Algumas limitam-se a constatar:

"Um negócio muito difícil."

"Vai mal, vai péssimo ... tá todo mundo doido."

Outras vão um pouco mais longe e dizem experimentar um grande sen

timento de solidão no interior de suas relações conjugais.

"mas me dá uma tristeza incrível, me dá uma sensação de solidão incrível."

"eu me lembrei ... do Último Tango, que mostra exatamente a impossibilidade da relação humana, sabe ... eu acho que cada um tá assim muito sozinho."

As explicações que elas conseguem dar a este fenômeno giram em torno da idéia de que a redefinição dos papéis masculinos e femininos ainda não se consolidou de forma a permitir uma orientação mais precisa nas relações entre homens e mulheres.

"É um momento difícil pra mulher, principalmente pra essa mulher que não tem mais o modelo que tinha antigamente de mulher. De repente eu acho que a grande dificuldade ... é essa ausência de modelo."

"Se nós não fomos, eu acho, que nem formadas para sermos a mulher que estamos nos tornando, nós fomos formadas pro oposto. Então tá havendo barafunda pra gente se escolher. E os pobres dos homens, que que eles vão entender de tudo isso?"

"Eu acho que a mulher, dentro de suas reivindicações, ela tá absolutamente dilacerada ... eu, inclusive, hoje eu tenho até pena dos homens muitas vezes, que eu vejo eles muito mais perdidos ..."

Apesar de todo esse quadro de despersonalização, frustrações, solidão, este grupo mantém esperanças quanto a uma melhoria do estado de coisas. Bastante identificadas com a retórica feminista (mesmo se negando enquanto tal), lêem-se como mais completas, mais realizadas do que suas próprias mães. Sabem apenas que pagam o ônus de uma mudança social (e enfrentam este ônus até com heroísmo), mas encontram-se profundamente alienadas dos seus rumos.

### 3.3 - Domésticas ou Profissionais?

Como pode ser observado da mera leitura dos esquemas obtidos na análise das entrevistas, estas se estruturam em torno de

um eixo de oposição único, tendo de um lado a atividade "trabalho" e de outro a "doméstica". Constatam-se, é claro, variações de um para outro esquema. Entretanto, é inegável que eles revelam um "estilo" próprio, uma "matriz comum de percepções" do trabalho, na medida em que os discursos se homologam nesta oposição básica.<sup>10</sup>

Esta primeira constatação era, de certa forma, esperada. Na maioria dos estudos que visam direta ou indiretamente descrever e explicar a posição da mulher na sociedade, a diferenciação entre as esferas doméstica e pública é apresentada como uma constante. Tanto os antropólogos como os sociólogos, mormente os de orientação marxista, ressaltam esta divisão, inserindo-a na origem mesma da diferenciação social entre homens e mulheres.<sup>11</sup> Como afirma Oitner (1978), "a unidade doméstica - a família biológica encarregada de reproduzir e canalizar novos membros da sociedade - se opõe à entidade pública - a estrutura dominadora das relações e alianças que é a sociedade, ... e esta oposição está presente em todo sistema social" (p.108). Dois aspectos correlatos à separação entre as esferas doméstica e pública não: a associação da mulher às funções inerentes à primeira delas e a posição secundária que estas ocupam no todo social.

A análise do significado de cada uma destas esferas será empreendida separadamente por necessidade de dar uma sequência à exposição. Isto não quer dizer que elas possam ser encaradas como separadas uma da outra. Elas encontram-se em oposição e exatamente por este fato estão necessariamente ligadas, na medida em que uma só ganha sentido quando confrontada com a outra.

---

10. Apenas para deixar mais claro o que há de peculiar a esta forma de estruturação de um discurso sobre o papel do trabalho, bastaria que se tentasse à guisa de exercício, explicitar como o homem estruturaria seu discurso a partir da mesma questão. É quase impensável que a forma final fosse sequer semelhante à que se obteve junto a essas mulheres.

11. cf. Mead, 1969, 1971; Engels, 1978; Meillassoux, 1977; Bamberger, 1979; Godelier, 1980.

A prevalência, no tempo e no espaço, das condições referidas acima deu origem a sistemas de representações da "natureza feminina" que, independente de sua extrema variedade, vinculam sempre a realização da "feminilidade" ao exercício de atividades inerentes à esfera doméstica. "O Segundo Sexo" de Simone de Beauvoir talvez seja a descrição mais completa do que vem a "ser mulher" na sociedade ocidental moderna.

Não está nos objetivos deste trabalho descrever a evolução que se processou no sistema de representações referente à mulher no contexto da sociedade capitalista. Vale apenas salientar que à plena instauração do capitalismo, com sua demanda de trabalhadores livres, mas dóceis e produtivos, correspondeu uma redefinição do papel social da mulher, que se viu então mais estreitamente vinculada ao lar e à família nuclear, valorizada na sua qualidade de pessoa estratégica na reprodução e manutenção da força de trabalho.<sup>12</sup>

Vê-se, portanto, que determinações estruturais do sistema capitalista acabaram por reelaborar o papel da mulher e, de uma maneira agora legitimada pela ciência (medicina, higiene, psicologia), reinscrevê-lo na própria "natureza feminina". As mulheres do grupo estudado, ainda que submetidas a um tipo bastante diverso de conjuntura, não escapam a esta determinação. O trabalho doméstico é ainda uma área premente em suas vidas, mesmo quando se dedicam a uma profissão, e ainda que tenham absorvido, totalmente ou em parte, a desvalorização social que situa esta atividade como insignificante. Como elas próprias o qualificam, o trabalho doméstico

"... é uma coisa chatíssima."

"... é um trabalho que limita."

"... é ridículo, você não faz nada."

---

12. Esta mudança significou, por outro lado, uma relativa "libertação" da mulher com relação ao homem, na medida em que, através dela, fica abalada a figura do patriarca. cf. Donzelot, 1977 (no caso da França) e Costa, 1979 (no caso do Brasil).

"... é maçante, tá, ele não aparece. ... não me atrai esse tipo de serviço."

É a esterilidade do setor doméstico, tendo em vista o crescimento pessoal, que são atribuídas estas qualificações. Não que este setor seja estéril em si mesmo (o que, em parte, é verdade). Em épocas de crise econômica, com a retração do mercado de trabalho, as tarefas inerentes à área doméstica costumam sofrer uma revalorização por parte dos setores dominantes,<sup>13</sup> provocando assim um refluxo dócil das mulheres ao lar. Nestes períodos elas conseguem extrair gratificações das mesmas tarefas que, hoje, lhes parecem sem sentido.

Esta esterilidade deve-se, sobretudo, à impossibilidade de escolha. Enquanto ao trabalho profissional estão ligadas categorias como "projeto de vida" (2)\*, "investimento de si" (3), "exercício de vontade" (4), "opção de vida" (5), ou seja, enquanto o trabalho é percebido como o resultado de uma auto-determinação, o trabalho doméstico parece se impor em suas vidas com a força de um "destino", ou seja, em nenhum momento ele é colocado como objeto de busca, mas como uma coisa que "acontece", da qual não se escapa.

"E como eu recebi uma série, eu tenho comigo uma carga de preconceitos que ... uma boa dona de casa não deixa camisa do marido sem botão, tá, puxa, cada vez que cai um botão, por mais que eu não queira, por mais que eu me trate, eu me sinto um pouco responsável pelo botão da camisa que caiu. Se as roupas dos meus filhos não estão brilhando, eu me sinto chateada." [sublinhado por mim]

"... e quando a gente cai, muitas vezes na vida de ... casa, família, filhos, entra em conflito." [o grifo é meu.]

"... apesar dos deveres domésticos que são coisas assim que são bastante pesadas para mim." [o grifo é meu.]

13. Em 78/79, o Governo promoveu uma ampla campanha, veiculada por primorosa propaganda televisiva, estimulando o aleitamento natural. Uma campanha idêntica foi empreendida no século passado pela medicina higiênica, visando basicamente a detenção doméstica da mulher (Costa, 1979, p.259). O mesmo sentido estratégico pode ser percebido na sua congênere atual.

\*. Os números em parênteses referem-se aos casos no anexo.



Num exame mais detalhado dos esquemas vê-se que a oposição entre trabalho doméstico e profissão não é simples, e as estruturas obtidas apresentam graus diversos de complexidade. Os esquemas estão ordenados, no anexo, no sentido de uma complexidade decrescente. Este dado será analisado mais tarde. No momento, é importante que se note que a esfera doméstica não é encarada como um todo indiscriminado mas apresenta uma divisão básica: atividades referentes à casa (serviços de manutenção) e atividades relativas aos filhos e marido (serviços pessoais).

Estas atividades, caracterizadas em seu conjunto como "profissão de esposa" por Prado (1979), apresentam significados distintos no sistema de representações do grupo estudado. O que foi visto até agora - a esterilidade do setor doméstico, dado que não oferece "chances de desenvolvimento", e que é sentido como "peso" inexorável - aplica-se com maior propriedade aos serviços de manutenção inerentes à gestão da casa. Os serviços pessoais prestados por estas mulheres aos membros da comunidade doméstica (no caso deste grupo, sobretudo aos filhos) parecem ter um lugar central não só no modelo de mulher ao qual elas estão referidas, como também como ponto de referência a partir do qual o sentido do trabalho será apreendido.

Assim, embora o reconhecimento de que não são "donas-de-casa perfeitas" incomode, o grupo como um todo consegue submeter este papel a uma tal desvalorização que neutraliza em parte os sentimentos de insuficiência que poderiam surgir. E para tanto, elas dispõem de recursos "ideológicos" suficientes para levar a bom termo este mecanismo. Seja questionando a organização familiar (quanto ao uso que faz da mulher), a "dupla jornada", a "pouca criatividade" do trabalho doméstico ou o "parasitismo" da dona-de-casa, seja ressaltando a "nobreza" ou a "importância" da participação social, o papel de doméstica é um alvo fácil de críticas.

O mesmo não acontece com o papel de mãe. Pois foi exatamente sobre este papel que se concentraram todas as políticas de

disciplinarização da família levadas a efeitos sob o capitalismo. Venerada pela religião, elevada à categoria de "esteio da família" pela ciência oficial, a "mulher-mãe" dedicada aos filhos e ao marido, passa a ocupar o topo de uma escala social de tipos de mulheres (Costa, 1979, p.254-262). A medicina, a psicologia, e em particular, a psicanálise, tiveram um papel crucial no acionamento dos mecanismos que acabaram por impor a maternidade como a forma mais sublime de realização da "natureza" feminina.

Este aspecto está sedimentado tão profundamente que vêem-se surgir, nos discursos, dúvidas em torno de trabalhar/parar de trabalhar, ficar em casa/não ficar em casa, estar ligada ao marido/estar ligada a outro homem, mas em nenhum momento, nem mesmo vê-se esboçar a alternativa ter filhos/não ter filhos. Ter filhos é algo que, "allant de soi", é parte inextrincável do "ethos" feminino. Mesmo não centrando inteiramente a vida nos filhos, a realização destas mulheres é impensável sem eles.

"... se eu não precisasse do dinheiro para sobreviver, o dia inteiro eu não trabalharia. Porque é uma coisa que me atinge muito é não participar do desenvolvimento do meu filho... É uma gratificação muito grande de você como mulher, entende. Um negócio que chega até a comover." [esta mulher trabalha meio expediente].

"... porque eu acho que não é só parir filhos a função da mulher, eu acho que a gente tem outras coisas e eu tenho necessidades assim em termos de fazer outras coisas. [sublínado por mim].

"Era assim uma vontade imensa de ter um filho e que ... foi um negócio assim até meio impensado ... foi um filho planejado em termos de querer, bastante emocional, teve pouco de racionalização, tá."

"... eles me completam muito, eles completam toda a minha vida. Eles me completam enquanto mãe, quer dizer, é uma experiência que eu vivi, é ... enquanto mulher mesmo."

Percebe-se que a "função" materna enraíza-se numa zona inteiramente dominada pelas emoções, e portanto refratária à apreciação consciente dada a incoercibilidade com que se impõe. Por

apreciação consciente quero significar a possibilidade de relativizar o lugar da maternidade no conjunto da vida destas mulheres. Isto não é possível na medida em que a questão da opção não é introduzida no terreno da maternidade. Mesmo que elas passam a afirmar conscientemente que se trata de uma escolha, como bem observa Danda Prado (1979), "o caráter obrigatório desta 'escolha' fica disfarçado para a grande maioria" (p.98).

A única mulher do grupo que se refere à "decisão" de ter filhos, o faz da seguinte maneira:

"... porque eu tive assim conflitos imensos a partir do momento que eu assumi ter filhos..." [sublinhado por mim]

Grande parte do desconforto psicológico observado neste grupo decorre principalmente da contradição entre ter que ser mãe e querer ser profissional. A culpabilização chega a graus tão insuportáveis que o recurso às terapias é quase inevitável. Quatro das cinco mulheres entrevistadas fazem ou já fizeram terapia em algum momento da vida. Não se trata de concluir daí que as mulheres deste grupo são neuróticas. Trata-se, sim, de uma consequência típica de um exemplo típico de socialização im perfeita. Entendendo por "socialização bem sucedida" o estabelecimento de um elevado grau de simetria entre a realidade objetiva e a subjetiva" (p. 216), Berger e Luckmann (1974) mostram que as chances disto ocorrer diminuem na medida em que a sociedade se complexifica, pela coexistência de múltiplas versões da realidade veiculadas por grupos diversamente localizados na estrutura social. Vê-se, claramente, que as mulheres do grupo estudado foram submetidas a versões discordantes da realidade: por ocasião da socialização primária, tiveram na própria mãe (doméstica) um modelo de mulher; quando da socialização secundária, principalmente na universidade, uma versão inteiramente diferente lhes foi apresentada. E, como atentam estes autores, "a necessidade de mecanismos terapêuticos cresce proporcionalmente à possibilidade, estruturalmente determinada, de socialização "im perfeita" (P.222), na medida em que "estas situações estão carregadas de possibilidades de conflito interno e culpa" (p.224).

Este fato ilustra também as afirmações de Bourdieu (1972) não só quanto à regularidade das representações e das práticas como também quanto à regulação dos "desvios" e de seus lenitivos.

É neste contexto de significações que um dos sentidos atribuídos ao trabalho profissional pode ser apreendido. Encarado por todos como fonte de "realização de si", de "enriquecimento próprio", na medida em que a porção doméstica toma maior relevância (três últimos casos), o trabalho ganha a conotação de algo importante para o bom desempenho da função de esposa e/ou mãe. É o que pode ser apreendido dos seguintes textos:

"... e ter a sua vida própria, ter uma, uma, uma, coisa sua, tá entendendo, que eu acho que enriquece qualquer relação ... eu acho que você fica muito sem coisas pra você (só com o trabalho de casa), sem um espaço pra você, um espaço pra pensar, de, de, sei lá, até mesmo de dividir outras coisas diferentes das coisas domésticas com, até mesmo com o companheiro."

"... foi um trabalho massacrante pra mim. Eu percebi uma série de coisas: que eu não briguei com o meu marido."

"E inclusive eu acho importante inclusive em termos até da educação dos filhos. Porque você saindo de casa você aprende muito mais coisas que você em casa ..."

Situados simetricamente em relação a estes estão os dois primeiros casos, onde o trabalho profissional assume maior relevância<sup>14</sup> e toma então conotações negativas devido às repercussões indesejáveis sobre o setor doméstico.

"... quando eu chego em casa eu estou a zero. Pra brincar com meus filhos eu faço esforço, tá, eu estou cansada de verdade. Então eu acho que condições devem ser buscadas porque não é normal que a pessoa chegue em casa a zero."

14. A maior ou menor relevância do trabalho (correlata à menor ou maior importância do doméstico) é apreendida aqui através da complexidade e estrutura. Se existe apenas uma área, a estrutura é simples; se uma segunda área é introduzida, mas com pouca força, a estrutura se complexifica com relação à anterior; se a segunda área ascende à uma maior importância, a complexidade aumenta mais ainda.

"... eu fazia uma confusão danada, vivia chorando pelos cantos, arrancando os cabelos, que eu era uma péssima profissional, uma péssima mãe, era uma péssima... não conseguia coordenar absolutamente nada ... foi muito marcante com a minha filha. Eu tive um sentimento de culpa tremendo em relação a ela..."

A simetria só não é perfeita porque, em caso de exacerbação dos aspectos inconciliáveis das duas áreas, o trabalho profissional é mais facilmente abandonado<sup>15</sup> (resolução previsível nos três últimos casos), o mesmo não acontecendo com a família (pensável apenas como hipótese se se levar às últimas consequências a lógica dos dois primeiros casos). Nem seria necessário acrescentar que é nestes últimos que os conflitos serão mais intensos.

Quanto aos sentidos mais gerais assumidos pelo trabalho, percebe-se que ele se opõe perfeitamente ao serviço caseiro em termos da oposição mais ampla de completude/incompletude, na qual se observa uma relativa impregnação da lógica feminista. Este fenômeno indica uma tendência deste grupo a se referir cada vez mais à ordem simbólica promocional, da qual o feminismo é uma concretização típica (não esquecer que o feminismo se originou em países de primeiro mundo, onde predomina maciçamente um "contexto de abundância"). A transferência destas idéias para os países periféricos encontra ampla aceitação junto aos grupos sociais mais "prósperos", mas que nem por isso acham-se desvinculados de um modelo tradicional (inclusive em função da própria situação do país).

#### 3.4 - A lógica da profissionalização feminina

Como já foi referido na seção anterior, na comparação dos esquemas das entrevistas percebem-se diferenças às vezes nítidas, às vezes sutis, em termos de complexidade de estrutura. Repetindo, estas estão ordenadas no anexo no sentido da maior para a menor complexidade. Esta complexidade define-se em função de dois

15. O papel profissional, supondo-se interiorizado, em sua grande parte, através da socialização secundária, não está tão "carregado de elevado grau de afetividade" como o papel doméstico, interiorizado mais precocemente. cf. Berger, 1974, pp.226-227.

aspectos: 1º) o detalhamento de cada uma das áreas que compõe a estrutura; 2º) a maneira como elas são articuladas. Quanto maior o detalhamento e/ou mais articuladas se encontram as áreas, mais complexa resulta a estrutura.

Uma primeira correlação pode ser apontada a partir da ordenação das estruturas. Observa-se que na medida em que a inserção no mercado de trabalho se dá de maneira mais efetiva (através de profissões de maior prestígio social, melhor remuneradas e que demandam maior dedicação por parte das mulheres) a estrutura do discurso tende a se tornar mais complexa. Obtém-se, então, um quadro com a seguinte distribuição:

Grau de complexidade da estrutura do discurso	Profissão
Maior	Engenheira Médica
Média	Psicóloga
Menor	Filósofa As. Social

Rodrigues (1978) constata, em seu trabalho junto a operários industriais, um fenômeno análogo no que tange à complexidade das "estruturas cognitivas" dos sujeitos estudados. Como aqui se observa, também na referida pesquisa esta complexidade sofria variações correlacionadas com a trajetória profissional dos sujeitos, ou dito de outro modo, com a maneira como estas pessoas conseguiram se posicionar na estrutura ocupacional<sup>16</sup> (observados os limites impostos pela sua condição de classe, é claro).

16. Cardoso (1980) também considera "impossível estudar, no campo da Psicologia Social, o comportamento do indivíduo sem que se o relacione, de forma mais abrangente, ao contexto econômico e social em que ele se insere, num determinado momento histórico". (p.23)

Num trabalho inegavelmente magistral, Saffioti (1976) demonstra com cabal clareza como nas sociedades de classe estruturadas em moldes capitalistas o elemento natural sexo (além de outros, como raça) é utilizado para manter uma categoria de sexo (as mulheres, evidentemente) à margem do sistema de produção. O caráter marginal da inserção da mulher no mercado de trabalho é apreendido seja pela baixa representatividade da mão-de-obra feminina na população economicamente ativa<sup>17</sup>, seja pelas condições inferiores de trabalho a que é submetida. Assim é que o mercado de trabalho caracterizado como feminino inclui profissões que conferem baixo prestígio e cujas perspectivas salariais são modestas, e mesmo aí a discriminação quanto ao sexo se faz sentir. Como mostra Saffioti (1979), "mesmo nas ocupações em que as mulheres predominam, podem se detectar barreiras à sua ascensão" (p.32).

Não é somente quanto ao posicionamento da mulher na estrutura ocupacional que o fator sexo intervém negativamente. O sexo opera também como fator de discriminação social na qualificação da força de trabalho feminina, instituindo "verdadeiros 'guetos' de áreas de estudo que a destina a outros tantos guetos profissionais" (Cardoso, 1980, p.44). Isto só é possível a partir da interiorização, por parte das mulheres, da lógica de subalternidade de sua condição, responsável pela inculcação de um papel onde o trabalho não é visto como elemento nuclear. Bourdieu (1972) mostra como estas "disposições duravelmente inculcadas" engendram aspirações e práticas que excluem o não-prescrito, "seja a título de impensável, seja ao preço da dupla negação que inclina a fazer da necessidade virtude, quer dizer, a recusar o recusado e a amar o inevitável" (p.177).

Pode-se pressupor daí que o distanciar-se dos modelos impostos pela sociedade e inculcados no indivíduo demandará um amplo esforço cognitivo-emocional que terá como resultante uma maior complexidade do mundo interno e, conseqüentemente, do discurso. A correlação observada acima ilustra perfeitamente este fenô

17. Em 1970, as mulheres representavam apenas 20% da população economicamente ativa brasileira. Cf. os dados apresentados por Saffioti, 1979.

meno.

A entrada num mundo predominantemente masculino, cujo enfrentamento implica o desenvolvimento de facetas da personalidade (principalmente daquelas características ligadas à competição) mantidas latentes quando a mulher é "poupada" desta experiência, tem por efeito mais palpável a des-idealização do trabalho profissional. Note-se que somente nos discursos das duas primeiras mulheres o trabalho é diferenciado em seus aspectos positivos e negativos, seja através da categoria geral "Trabalho como fonte de conflito" (sujeito 2), seja através do embate entre o ideal de trabalho e as condições reais de sua consecução (sujeito 1).<sup>18</sup>

O extremo detalhamento da estrutura do discurso da primeira entrevistanda mostra também a inclusão, se bem que ainda incipiente, da área "Sociedade", inteiramente ausente dos outros discursos, exceto no caso do terceiro sujeito, onde se apresenta colocada de uma forma bastante intelectualizada.

A própria percepção da discriminação da mulher enriquece-se, torna-se mais concreta no primeiro discurso. Enquanto todas as outras vêem no trabalho a condição de possibilidade de uma libertação (frente a quê?) ou de um posicionamento igualitário junto ao homem (mais especificamente junto ao marido), para a primeira o trabalho é encarado como um meio de "conhecer o mundo de verdade", principalmente no que concerne a "obter esclarecimentos sobre o uso da mulher" na sociedade.

É inegável o efeito de enriquecimento da percepção de si própria e do mundo que a total integração no sistema de produção exerceu sobre o universo psíquico desta mulher. O desenvolvimento observado nas cinco entrevistas leva a supor que, pelo menos para as mulheres desta classe e com este tipo de formação, este

---

18. Estes dois casos foram colocados juntos porque este detalhamento corresponde a uma diferenciação nítida com relação aos outros três discursos. Entretanto há entre eles uma distância considerável e, sob certos aspectos, o discurso 2 se aproxima mais do discurso 3 do que do primeiro.



efeito se verifica. Entretanto, se esta integração se subordina à lógica capitalista (na qual o binômio produção/consumo tem prioridade sobre as relações humanas), ela está longe de poder ser considerada uma libertação. Meillassoux (1976) argumenta, com muita propriedade, que "a luta ... das mulheres para se emancipar (por progressista que seja, se se subordina, para a reforçar, à luta de classes) vai objetivamente no sentido do desenvolvimento social que não deixou nunca de recrutar os seus trabalhadores livres pela diminuição progressiva das prerrogativas da comunidade doméstica, do patriarca e depois do pai (e hoje da mãe), concedendo aos dependentes uma emancipação cada vez mais precoce para os entregar mais depressa aos patrões" (p.232-233).

Uma emancipação deste tipo poderia significar uma modificação radical na configuração da personalidade feminina, visando sua adaptação à sociedade capitalista. O "cunho relacional", termo usado por Chodorov (1979) para caracterizar a especificidade da personalidade feminina, seria assim solapado, não em benefício da comunidade humana, mas tendo em vista o aumento da produtividade. Sem dúvida, esta tendência já se observa, mais nitidamente nos países desenvolvidos (é comum se ouvir relatos sobre a desafeição de que são objeto as crianças na Europa e nos Estados Unidos, além de ser sobejamente conhecido o índice de divórcios nestes países).

Neste grupo de mulheres, esta tendência está embrionária, tendo em vistas os rumos do desenvolvimento que o país vem tomando. A questão é complexa, pois implica ao mesmo tempo numa mudança e numa não mudança: abrir possibilidades aos contingentes femininos para uma vida profissional, sem destruir com isto suas capacidades relacionais. Do contrário, um "ovo da serpente" estará sendo gerado, o que me parece uma questão particularmente inquietante.

#### 4. CONCLUSÃO

Não há muito mais a dizer além do que já foi desenvolvido nas seções anteriores. Vistos os três aspectos que, a grosso modo, poderiam ser identificados com o psicológico, o psicossociológico e o social, restaria tecer algumas considerações finais sobre as condições gerais de vida que envolvem as mulheres do grupo estudado.

A estrutura social capitalista impõe duas ordens de limitações à plena realização da mulher: as que têm origem em sua situação de classe e as que se referem à pertinência a uma categoria de sexo sub-prestigiada. Impossibilitadas de harmonizarem suas aspirações profissionais e maternas, as mulheres, vivem, assim, no seio de uma contradição.

Os sentimentos que permeiam os discursos das cinco mulheres, independentemente do caráter de sua inserção no sistema produtivo, indicam que a situação que elas enfrentam está pautada por inúmeras dificuldades. As contradições que esta situação encerra não são solucionáveis a nível individual pois não provêm de si mesmas mas, como foi visto, são estruturalmente determinadas.

Vale ressaltar que somente a primeira entrevistada entrevê este fato, quando destaca o caráter individualista da sociedade. Os sentimentos de angústia e, sobretudo, os de solidão parecem dever-se à ausência, no espaço psicológico destas mulheres, de elementos conceituais e afetivos que lhes abrissem uma perspectiva.

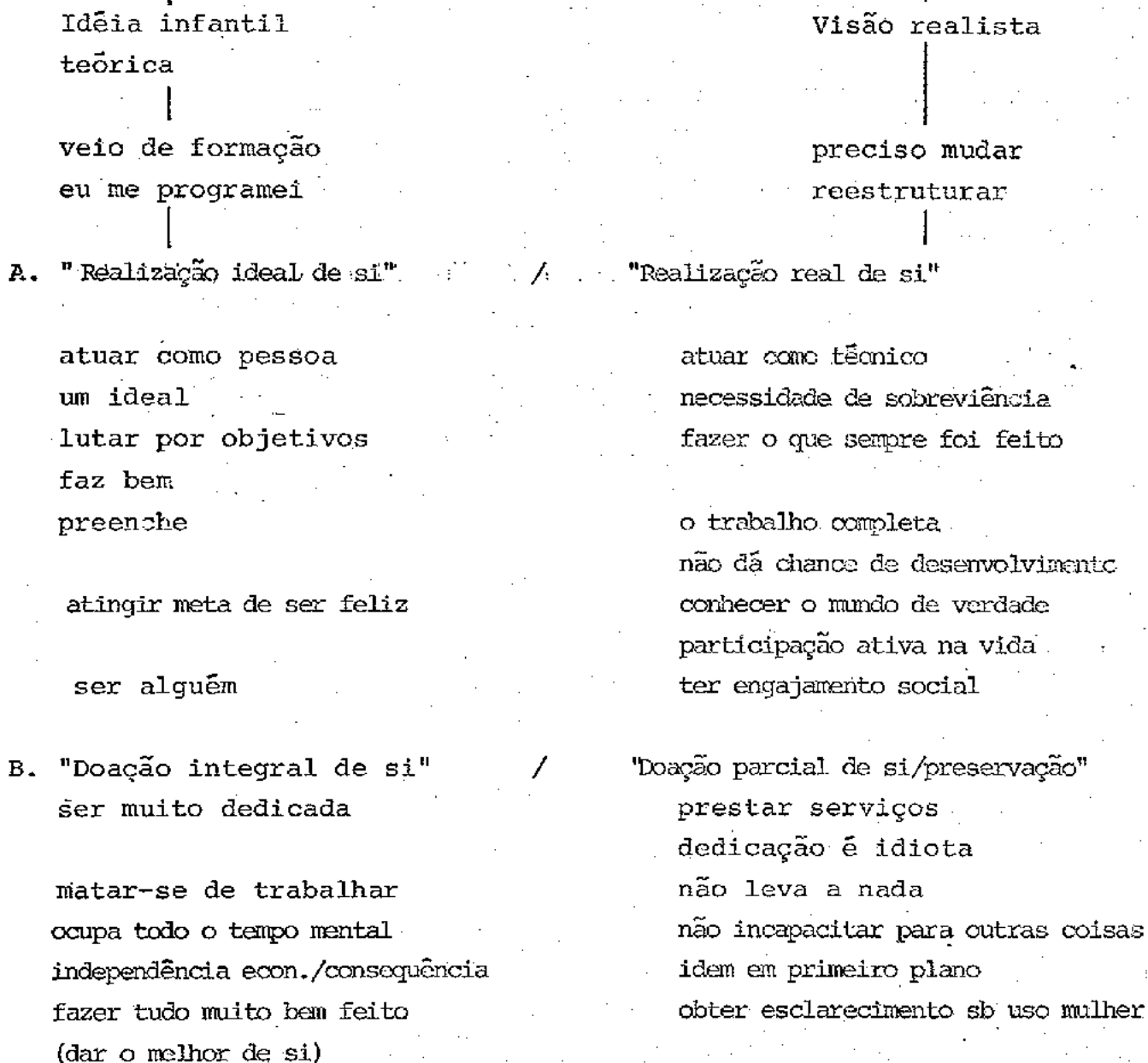
Mesmo o otimismo sustentado (sem muita convicção) por algumas soa frágil frente à grande incógnita que é o futuro que se lhes apresenta.

Estas observações remetem ao trabalho de Irigaray, "A linguagem do 'homem'" (1978), no que ele aponta a "mimesis" ou o silêncio como o destino reservado às mulheres no seio de um mundo masculino. Eficazes produtoras como os homens ou silenciosas gestantes, não haverá outra alternativa possível?

5. ANEXOS

5.1 - As estruturas dos discursosSujeito 1

Profissional



Doméstica

"Realização real de si"

outra organização familiar  
dividir com o marido  
eu me sustento de verdade  
ter vida agitada  
filhos me completam  
ter vida independente  
não ser mãe ruim  
atuar  
nada funciona em casa

"Doação parcial de si/preservação" /

não parar de trabalhar  
cada um cuidar de si  
cuidar da própria vida  
fazer coisas  
necessidade de uma infra-estrutura

"Realização ideal de si"

conceito antigo  
ser a mulher total  
ser sustentada pelo marido  
ter tranquilidade  
filhos como sentido da vida  
cultivar dependência  
ser boa mãe  
vida passiva  
a casa funcionaria

"Doação integral de si"

abster-se de atuar  
eu cuidaria deles  
preparando a família  
eu não faria nada (para mim)  
não necessita infra-estrutura

Sujeito 2

Profissional

Doméstica

Filhos

Casa

A. "Atualização do projeto de vida"

/ "Não atualização do projeto de vida"

fui criada p/ter profissão

não fui preparada como dona-de-casa,  
mãe de família

minha função era estudar

nunca tive obrigação em casa

formação que exige em termos de  
escolacasa, família, filhos, relegado a se-  
gundo plano

B. "Realização de si"

/ "Não realização de si"

desenvolver as capacidades

entra em defasagem

ter minha vida própria indepen-  
dente

dependente da vidinha do dia a dia

importante como auto-expressão

coisa chatérrima

ajuda financeira em casa

(não ajuda financeira)

ter posição igual à do homem em  
casa

(ter posição desigual)

parte da realização como ser hu-  
mano

não consigo ser feliz

vontade imensa de ter um filho

não me sinto inteira

C. "Fonte de conflito"

/ "Fonte de infelicidade"

conflitos imensos ao assumir  
ter filhosarrancava os cabelos de infelicidade  
(sem trabalhar cuidando do filho)

não consigo coordenar nada

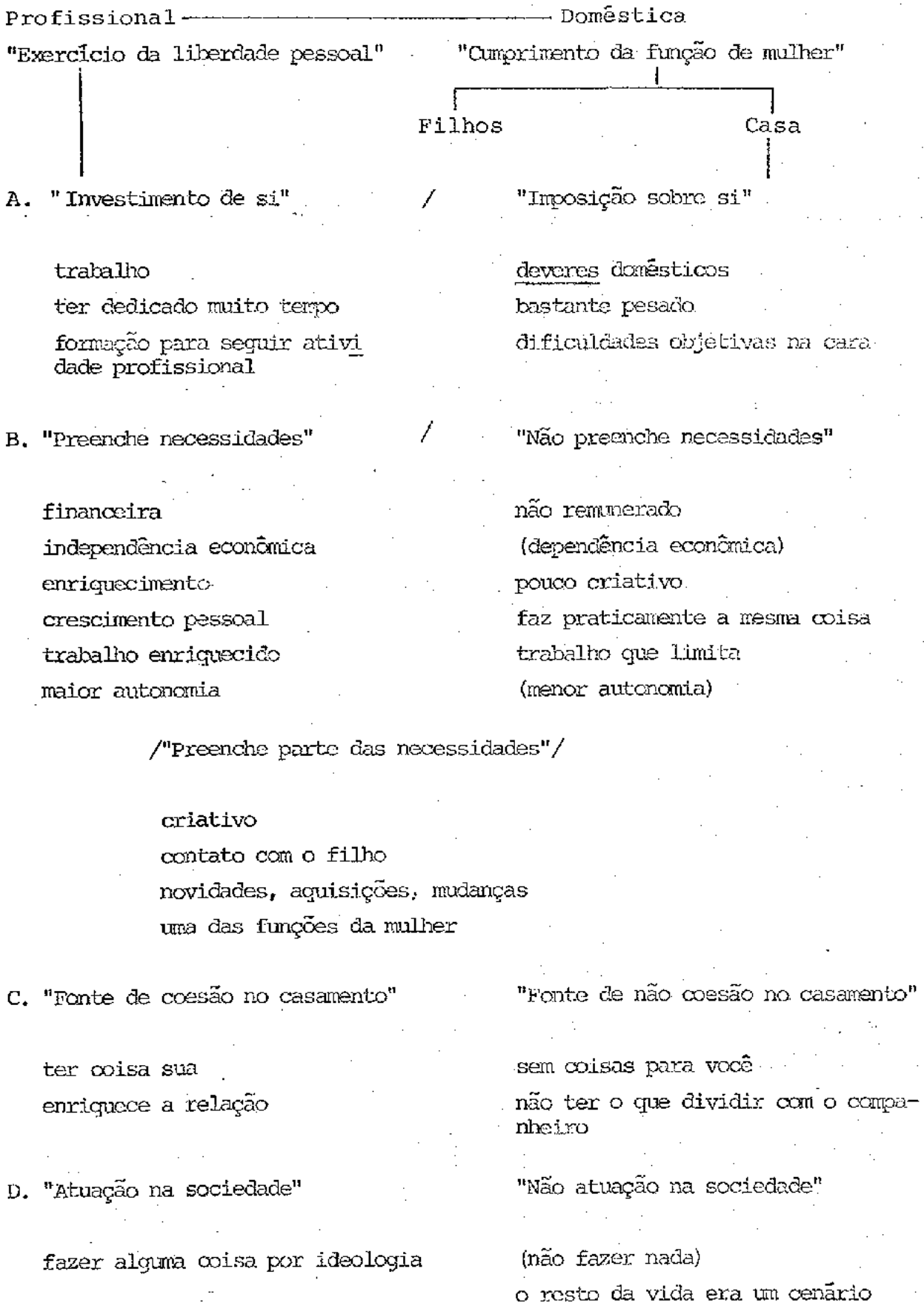
ficava culpadíssima

caos psíquico de total insatis-  
fação

fico insuportável dentro de casa

coisas a cada dia mais confusas

rachadura dentro de mim

Sujeito 3



Sujeito 4

Profissional

Doméstica

## A. "Fonte de desabrochamento"

você adquire um certo sentido  
 pra me manter viva  
 pra você se descobrir  
 coisa que você queira fazer  
 libertar da casa  
 exercício de vontade

## "Fonte de estagnação"

o vazio me engole  
 é a morte  
 a gente embota  
 não faz nada  
 não pode escolher

## B. "Meio de aquisição de identidade"

coisa reconhecida  
 uma coisa nobre  
 permite você ser singular  
 descoberta do ser próprio

## "Não aquisição de identidade"

socialmente não existe  
 é ridículo  
 nunca aparece  
 sentir meio solta  
 viver sempre em função da casa

## C. "Fonte de alívio da relação"

não briguei com o marido  
 tava numa boa  
 não exigir nada dele  
 facilita a convivência  
 é uma saída

## "Fonte de tensão na relação"

presença de grilos  
 a gente vivia numa merda  
 querendo controlar ele  
 aquela angústia que passa de um pa  
 ra o outro

Profissional \_\_\_\_\_

Profissional + Doméstica \_\_\_\_\_

Doméstica \_\_\_\_\_

A. "Fonte de gratificação parcial"

"Gratificação global"

"Gratificação parcial"

me satisfazia

gratifica a mulher

tava fazendo algo que realmente gosto

não queria atividade integral

queria trabalhar e criar filho

processo de vazio

ia perder o filho

importante para a educação dos filhos

faltava algo

ela não é algo inútil

faltava algo

ela não é algo inútil  
pode fazer algo além de cuidar  
casa e gerar filho

sentimento de mãe

acomplimento de uma série de  
coisas

sentimento de mãe

experiência vivida

você está se renovando

experiência livresca da vida

a gente se sente grande

objeto do lar

B. "Independência"

"Dependência parcial"

"Dependência"

trabalhar para sobreviver

trabalhar para ela mesma inte  
rmente

à disposição de filho/casa

fazer opções de vida

contribuir

parasita

sustentar a casa

produzir algo

sentir-se ociosa

conseguir o lugar de respeito  
na sociedade

ganhar seu dinheiro

deparar totalmente

independência econômica

ganhar seu dinheiro

deparar totalmente

5.2 - Os protocolos do TATSujeito 118MF

S1 - Talvez eu esteja assim um pouco impressionada com uma coisa que eu acabei de ler. É uma espécie de oração de um fulano, que ele diz assim, se seu filho se sentir desamparado, consola-o, então diz uma sêria de coisas bonitas a respeito do filho. Então, isso aqui me parece, sabe, um filho polemizado e uma mãe amparando. Assim que ... é suficiente que eu diga isso ou eu tenho que criar mais alguma coisa, fazer história de verdade?

E - É por aí.

S1 - Meu Deus do céu! É, isso aqui tá ... tá me dando assim a idéia de uma necessidade, uma coisa incrível, uma busca incrível de um filho, tá, foi o que me pareceu, que isso é um filho altamente polemizado e exatamente a busca de um amparo, amparo-mãe, tá, e a mãe com o ar extremamente, é ... sofrido, quer dizer, ou seja, a ... a necessidade inclusive, o sentimento dela mesmo, tá, a vontade, o sofrimento dela de amparar, de socorrer. Quase que eu a vejo chorando aí, né? E depois, os moldes antigos, a escada, o bem antigo, né, quer dizer, o conservador. A mãe aí no seu papel bem conservador. É que se espera dela, né, o filho problemático e ela amparando o filho. Eu não sei criar, eu não sou criativa ...

4

S1 - Anos vinte! (ri) Quase que Frank Sinatra (i). Ruth, inventar alguma coisa a respeito disso aqui. Isso aqui também tá tão coquete, tá tão sem expressão (ri). Que coisa, inventar uma história, artista de ... dançarina de ... não é de filme não, ... mas aquela de perninhas prum lado, todo mundo, perninhas pro outro ... Que coisa, não é possível que eu não tenha capacidade pra inventar uma história. Ai não, essa fotografia não me inspira absolutamente nada. É uma fotografia que eu olho rapidamente, tá, são duas figuras que tão me parecendo figurinhas de, de, de "ballet" mesmo. Uma coisa que não me diz muita coisa não. Posso deixar as

sim? Não me diz, não me diz, não me diz mesmo. Eu olhei, vi ...

3MF

S1 - Essa tá melhor. (t) Essa tá chegando, né. (t) História eu não sei, não sei, mas, é, olhando, assim, a impressão, o que me lembra assim de primeira mão sem ser história, porque a história eu não sei inventar de verdade, a idéia é de que acontecer alguma coisa, alguma coisa de muito importante, alguma coisa que, que, que talvez tenha agitado muito, acho que isso é uma atitude típica de alguém que está se transformando por alguma coisa que tenha acontecido. Tá sozinha, tá sozinha e tem que resolver alguma coisa. Então tá chegando num canto, num canto que é um canto seu, para digerir o que tem acontecido, como se fosse uma experiência, uma coisa nova que viu que aconteceu, de profundo. Porque profundo? Por causa assim das mãos.

E - Mas, como é que essa pessoa aí tá vivendo isso? Ela precisa digerir mas ela tá vivendo isso de que maneira?

S1 - Acho que aconteceu, acho que foi novo, acho que assustou, acho que entristeceu, ela deve tá até aí chorando, talvez, tá angustiada, puxa. Bom, aí a história, aí, vai passar, vai ver que é isso mesmo, que isso é assim, vai passar. Tá me dando assim as pecto, tá me dando a impressão de que tinha que ser assim, essa moça tinha que passar por isso, porque ... sei lá, é ela, né, o cabelo assim ... a forma da fotografia, a fortaleza talvez do braço, as formas, sabe dão impressão de que tinha que ser assim. Ela vai talvez perceber isso, depois. É o choque, é o amadurecimento, tá, é como se, aconteceu, digeriu, viu que é assim, amadurece, pronto. Tem que ser. (t) Ah, eu não consigo, Ruth, (i).

8MF

S1 - Olhando, primeiro, né, me deu a impressão, assim, de um piano, o lado de um piano, junto à janela, mas isso deve ser reflexo de Machado de Assis e outras coisas que tais, de, né, de ... adolescência, só. Espera, né, aquela espera de ... aquela visão de gente passando na calçada e alguma coisa ... espera de alguma

coisa por acontecer, sô, ou seja, uma vida meio de contemplação, vazia, sem nada. Foi o primeiro. Mas depois não, depois não. Pode ser uma segunda idéia, de reflexão, tá. Esses sombreados, esses pretos e brancos, talvez por ser do meu gosto, eles me dão sempre a impressão de força. Todos esses instrumentos me deram, uma impressão assim de força, uma impressão de que ... não pode ser assim uma coisa, uma coisa tá boba, uma coisa ... ou seja, não podia ser uma mulher parada contemplando, tá, uma janela, uma vida passando. Porque a força que emana do instrumento, não podia ... não podia ser. Não casa com ... com essa imagem. Então tem que ser reflexão. (t) Ponderações de vida, crise dos anos 30. (i).

9MF

S1 - (t) Eu não entendi, não entendi (t) Duas pessoas ... (t) Engraçado. (t) Duas pessoas, uma ... (t) E essa aqui mais de trás não tá nem olhando bem pra aquela ali e aquela ali não tem nada que pudesse fazer com que essa aqui admirasse ou procurasse se transformar, ou que quisesse transformar o mundo da de cá. Então tem que ser duas pessoas, paralelas, ou seja, essa aqui não tem nada de observação com relação a de cá. A dá frente toda agitada, toda decididinha, a de trás mais já cautelosa. Eu só não entendo ... eu não tô vendo o que é isso aqui na mão dela ... (t) (i) atrás da árvore? (t) São duas pessoas fazendo alguma coisa. Essa aqui sabendo exatamente o que vai fazer, mas sem questionar muito também, vai fazendo. Essa daqui já tá meio ... pensante, né, pensativa. Já ... tudo bem, é isso mesmo, ou não é. A outra vai toda espertinha. Não sei o que é isso. Eu não posso nem imaginar o que vão fazer aí. Criar a história sempre, né, é difícil. Sei que esse aqui, como árvore, tá muito bonito. Aqui tem um caminho mais alto, viu o salto ali atrás, realmente isso aqui é mais alto, isso aqui é um pulo. A outra também já vai descendo, segurando na árvore. As duas bem parecidas, né? Mas não me dão idéia nem de parente, não. Também não me dá uma idéia de que essa aqui estaria olhando pra outra como um reflexo, ou seja, miragem. Ela se vendo ali não, não é isso. Vão fazer alguma coisa.

Sujeito 218MF

S2 - (Ri, pergunta novamente como é a história, leva muito tempo para responder). Uma casa, né, velha, vejo uma casa mais ou menos velha, meio fúnebre até (i), parece assim bastante fúnebre, de dois andares, tipo ... tipo daquelas casas de Santa Teresa (i), duas pessoas maduras, provavelmente um casal, uma das pessoas desfalece e há todo um sofrimento diante da morte, da perda, que a companheira sofre diante dessa perda. Há uma expressão de sofrimento, de pesar, ou um outro tipo de afeto.

4

S2 - Essa aqui eu já ... eu não tô conseguindo contar estória... Essa aqui me lembra mais um filme, tá, um filme tipo de Hollywood, em que o ... que o casal ... bem tipo galã e mocinha ... bem deixa eu ver se conto uma história dessas aí ... que o galã está numa posição tipo vai ... com uma expressão tipo vai partir, mas não uma partida dolorosa, mas uma partida assim mais inclusive com muita expectativa, quase como se fosse pegar um navio, uma viagem curta, algo que ele demonstra muita expectativa, muita felicidade, tá? E ela tenta segurá-lo, curtir os últimos momentos junto com ele, mas que ... ah ... a ida dele é algo iminente. Como ela segurasse pra um último beijo, um último abraço, mas sem um sentido assim de ... como se houvesse uma continuidade depois disso.

3MF

S2 - Só vem pensamento de perda na minha cabeça. Gostaria de expor um pouquinho mais de mim mas realmente eu não estou conseguindo (i). Era uma vez uma mulher, jovem, bonita, que vivia feliz dentro do .. de uma vida que ela considerava estável. E um dia ela percebe que seu companheiro ... partiu, deixando um bilhete que seria pra sempre e que ... ela sente de uma forma muito desesperada nos primeiros momentos, toda perda, todo abandono, toda ... no momento a falta de perspectiva, já que ela colocava

em cima dessa relação muitas coisas, muitas expectativas, muitas esperanças.

A gente quer ser tão interessante e não consegue ser nem um pouco. Estou me sentindo tão babaca. É bastante constrangedor,, sabe, ficar falando pra você, uma pessoa desconhecida, que a gente sente que vai soltando as coisas ...

8MF

S2 - Um dia de chuva, com cheiro de chão molhado, uma jovem sentada na janela, com olhar de fantasia, olha simplesmente o chão molhado, pensa no ... em quantas coisas boas ... ela gostaria de fazer. Como é bom, sabe, quantas vezes a gente simplesmente olhar as coisas, se sentir ... tranqüila, tranqüila com a gente, em paz e confiante, e ela transmite um ar sonhador, mas ao mesmo tempo de confiança em si própria.

9MF

S2 - Uma vez, duas amigas que foram fazer ... não, não, não,... foram conversar, foram ler num lugar bastante bucólico, com árvores, com rio, com riacho passando e conversando, batendo papo, dividindo suas coisas ... elas resolvem brincar, brincar de esconder. Uma é o pegador e a outra é quem se esconde. E ela se coloca atrás de uma árvore, observando a outra, de uma certa forma procurando ela, correndo com uma certa ... ela tá assim meio ansiosa, mas ansiosa na expectativa de encontrar. Seria uma brincadeira entre duas amigas.

Sujeito 318 MF

S3 - Caracterizar cada personagem, como é que você?

E - Como você quiser.

S3 - Tem que ter meio, começo e fim? Seria uma situação de mãe, né. Quer dizer, eu não chamaria isso de diálogo, né, mas parece que ... quer dizer, que a figura mostra também uma situação assim de uma mãe, de uma ... que não. Me parece uma situação de raiva, né, situação de mãe querendo, sei lá, dar um pito na filha. Eu vejo aí uma personagem de uma mãe com uma filha, pegando de supotão na escada, uma filha adolescente, que tava saindo de casa sem dar muitas informações pra onde ia e a mãe então pegou de surpresa na escada pra dar, pedir informações pra onde estaria indo, o que que iria fazer ou algo semelhante.

4

S3 - Essa aqui seria de uma mulher queixosa de um marido ausente. Então seria ela tentando uma aproximação pra ver a situação do cotidiano da casa que parece que o marido não tá muito interessado, tá chegando do trabalho cansado e não tá querendo compartilhar desse dia a dia doméstico.

3MF

S3 - Essa aqui eu vejo mais como aquela filha adolescente, que tá vivendo toda uma situação de dificuldade dentro de casa e tá muito angustiada, muito preocupada mas por outro lado não tá tendo com quem compartilhar, tá muito sozinha com a sua ... com a sua dor, né.

8MF

S3 - Agora, porque aqui é um outro momento dessa mesma personagem, né. Dessa filha, que estaria assim já ... mais velha, né, já não tão adolescente, numa ... sei lá ... numa posição assim de



refletir mais sobre as coisas, tá pensando já em coisas assim re-  
relativas a ... vamos dizer ... sei lá, problemas mais existenci-  
ais, que eu acho que estaria assim passando já daquele período as-  
sim conflitivo da adolescente, então seria assim uma situação de  
uma ... de uma moça já de seus 20 anos, que está assim com uma  
outra preocupação com outro tipo de preocupação, né, mais ligada  
talvez ao problema assim da situação dela como ... como mulher,  
com a profissão, problemas que não seriam apenas problemas dela  
enquanto adolescente.

9MF

S3 - Aqui me parece que seria ... já num ... talvez até mesmo es-  
sa mesma mulher, se olhando no espelho, ou talvez refletindo, ven-  
do a sua imagem na água ou alguma coisa semelhante, que seria u-  
ma outra ... um outro momento dessa mesma mulher. Já numa situa-  
ção assim de ... de se admirar, de se curtir, mas me parece que  
também tá numa situação assim difícil, apesar de tá se olhando,  
e vendo a sua imagem, mas não me parece uma imagem assim alegre,  
me parece uma imagem assim mais pesada, mais triste. Talvez uma  
coisa assim de ... sei lá, de se pensar sobre ela, sobre ... so-  
bre mais... sobre a sua identidade enquanto mulher se olhando seu  
corpo, seu rosto, algo assim.

Sujeito 418MF

S4 - Olha, eu sinto muito, mas ... essa estória aqui eu já imaginei que a mãe tá estrangulando o filho dela.

E - Tudo bem, vai em frente.

S4 - Eu tenho que inventar a estória toda, inclusive por que...

E - É, como vai acabar ...

S4 - Bom, primeiro eu acho muito estranho inventar uma estória com a mãe estrangulando o filho, posso? Achava melhor dizer que o filho tava morrendo. Não, Ruth, eu me recuso, acho que eu... não posso. Não, honestamente. (T) Eu acho que eu consigo, estrangulando mesmo. Pode pensar, né?

E - Pode, é claro.

S4 - Bem. (T) Agora eu tô me perguntando porque um filho, se parece que tem seios essa figura. Quer dizer, essas observações são relevantes?

E - São.

S4 - Ah! Isso é importante. Mas a observação deve ser feita assim, mais ou menos, não sei como será útil pra você, num sistema assim de associação livre, quer dizer, eu vi uma escada, essa escada é importante pra estória, depois eu pensei, será que é im-portante pra estória, não é, isso... essas observações que eu faço, inclusive a respeito da escada, isso é importante?

E - Vai fazendo, o que te vier à cabeça vai falando.

S4 - Ah! sim, vou falando. Tudo que tiver na cabeça. Mesmo sem ser nitidamente em relação à estória.

E - Hum, hum.

S4 - Tudo que eu tô pensando se eu faço uma estória ou não. A es cada que se foda. A estorinha que eu tinha pensado logo de cara assim, seria que essa mulher queria, estaria matando esse filho dele, dela, mas obviamente, eu pensei logo, porque o filho dela era um assassino, era um mau elemento, era qualquer coisa impossível, que ... para o bem dele ela iria estrangulá-lo. Logicamente eu já tô achando eu também tô me defendendo, que eu tenho que colocar o filho dela como pulsilânime, que seria um ato de amor esse esganamento. Tem que botar amor no meio porque o esganamento puro eu não concebo. Ou se concebo, não engulo. Bem, então... gozado, mas eu não ... eu não consigo, eu imaginei agora se o filho dela seria ... toxicômano, achei tão ridículo, eu não esganaria um filho meu por ser toxicômano. Nem que fosse viado, também pensei, se virasse viado, se ela esganava. Procurando realmente um motivo real para a estória, quer dizer, que pra mim funcionasse, pra mãe esganar o filho, que isso funcionasse pra estória, né, coerente, eu não acho. Porque se eu penso, né, se fosse viado, se fosse ... Então acho melhor mudar a estória, não tá esganando o filho. Ela tá segurando o filho que o filho tá morrendo. (T) É então vamos fazer o seguinte, vamos ver o seguinte. O filho desta mulher, desta senhora, andava muito doente, então ela estava fazendo bolos na cozinha, preparando lanche pra ele, quando ele tosse, tosse lá em cima, devia ser tuberculose, ele vem descendo essa escada, ela corre quando ouviu a tosse e o barulho, ele leva um tombo na escada, se quebra todo, e como uma pessoa que realmente já tá quase morrendo, quando leva um tombo, ele tá agonizando, e ela então segura ele de uma maneira que pra mim não é muito de quem tá amparando, né, é pra esganar, mas realmente eu não con ... honestamente eu não consigo inventar um motivo pra ela esganar ele. (i), tudo bem.

4

S4 - Esse cara aqui tá com raiva. Esse cara aqui tá querendo pegar um homem qualquer que disse uma gracinha pra essa mulher. E ela está dizendo: "Não, meu bem, não faça isso. Controle-se. (i)

Não, meu bem, controle-se, não faça isso, ele não me molestou ab solutamente. Sim, tem que ter princípio, meio e fim, né? Porque e l s estavam, não (i). Ele tinha ciúmes da mulher dele. E esse a í devia ser um amiguinho, alguém que essa mulher conhecia. E n ã o ele tava achando que tinha alguma coisa aí entre os dois. B a q u i c e. Agora, a cara dessa mulher tá meio suspeita. Parece que ela tá querendo que ele realmente dê uma porrada no outro. Não tá muito veemente, porque as sobrancelhas teriam que estar fran- zidíssimas. A cara dela tinha que tá com cara de pavor, se fosse essa estória, né? Mas então eles deviam estar passeando, é, eles estavam passeando, estavam indo ao cinema, teatro, qualquer coi- sa, então eles encontraram um amigo comum a ela, quer dizer, co- mum a eles não, mas um amigo dela, e esse cara então, esse amigo brincou e deve ter feito algum comentário desairoso sobre o acom- panhante da mulher. Então diria eu, não seria alguma coisa assim como ... quem é esse babaca que está com você, não, mas esse ami- go estranho devia ser ... fez algum comentário ... sei lá ... 'há quanto tempo não nos vemos, precisamos nos ver novamente, quando você estiver desacom ... ou sozinha, em melhores circunstâncias conversaremos.' E esse cara, muito ciumento, ficou puto, olhou pro cara de esguelha. O amigo, da mulher virou-se pra ele e dis- se: 'que que há, oh, tá olhando por que?' O cara então se sentiu magoado e ferido nos seus brios, tratado como idiota, então quis dar porrada no outro, 'qualé, oh' e a mulher disse, 'não, meu bem, que isso.' Mas pela cara dela, ela está se sentindo muito bem. E l a não está preocupada realmente que ele dê porrada, não. Ela e s tá a fim de, realmente, isso acontecer. Bom, tem que ter fim, né? A cara dele também, não tá me indicando que... ele vá dar porra- da não, ele tá fazendo cara feia demais. Então, quando a mulher diz assim pra ele, 'não, meu bem, controle-se, não faça isso, que bobagem, afinal, amigo de infância ... ninguém quis ofender nin- guém', ele concorda, e é isso aí, fala grosso, faz de conta que concede não dar porrada, e os dois juntos vão ao cinema e tomar chope depois. O teatro está findo. Satisfeitos?

3MF

Esta mulher, evidentemente, ela não sabe o que ela faz. Pra mim,

ela tá muito triste, ela tá desesperada. Com essa mão no rosto, ai meu Deus, o que é que eu faço? Bom, Ruth, é difícil olhar prum buraco preto atrás, a porta aberta, e imaginar uma estó... uma, né, a mulher num buraco preto, abrindo uma porta, ai meu Deus. Não sei, mil coisas me passam na cabeça. Eu acho que essa mulher tá assim, porque atrás dela, nessa casa, tem muitos problemas. Esta mulher tem filhos, esta mulher tem marido, esta mulher quer ... ela quer uma porção de coisas, que ela não sabe o que ele quer também. Então eu acho que ela tá num momento de desespero, de um dia, de uma semana, ou de ... de mês, de uma vida, com... como eu acho que como toda a vida é muito cheia de problemas, mas acho que a dela, por ser uma mulher, deve ser maior. Então, digamos, ela tem filho com caganeira, marido que tá traindo ela, que não está ... não digo traindo, ele pode tá tomando porre, pode tá traindo, ele pode tá sendo simplesmente sacana em não prestar atenção ao que ela diz... eu acho que ela tem um homem que não é bem o que ela queria... imagino crianças doentes, eu não consigo imaginar outro padrão, outra coisa, quer dizer, talvez filhos adolescentes, ou filhos adultos sacaneando ela. Eu não transo isso ainda, eu não tenho, sabe, como imaginar isso não. Eu imagino crianças doentes, falta de dinheiro, o marido sacaneando ela, então essa mulher acordou um dia azedo, deu porrada em filho, brigou com marido, se preocupou com dinheiro e de repente viu que a vida dela podia ser ... de repente ou não tão de repente, né, e simplesmente ela sentiu, se desesperou de cuidar dessas coisas pequenas todas, se desesperou, e abriu a porta, e chorando horrores, né. Que que eu vou fazer, como solucionar todas essas merdinhas que me atravancam o dia inteiro? E abrindo a porta... ela saiu pro quintal... tava um dia bonito... oh, eu não tenho nem quintal, isso é por causada das tuas casas que têm quintal, pô, tô olhando isso aqui, eu não sei nem como é ter quintal pra abrir uma porta, mas tô pensando nisso, saiu pro quintal, tava um dia bonito... e ela pensou: tem que dar um jeito, não é possível. Não sei, é exatamente o que eu tô pensando em mim.

8MF

S4 - É uma bela mulher, né? Acho que como eu gostaria de ser. Eu me imagino tão linda quanto eu tô pensando e filosofando sobre a vida e meu destino, que eu seria como essa mulher aqui..., com esse ar bonito, não é pra dondoca, não, não a mulher pensando... É difícil pra mim colocar princípio, meio e fim sendo que o meio deve ser esse momento que eu tô vendo, de uma pessoa pensando ... Então, como pode ser a estória? Porque ela tá pens... ou o que ela tá pensando. E eu me coloco sempre no lugar dela, né? Dá pra sair. Eu acho que essa mulher que está parada, ela tá... ela tá com o olhar muito distante. Ou ela está lembrando coisas... e é engraçado, a outra... a outra... sei lá... plaqui nha, retrato, me pareceu que a mulher estava em desespero. Já essa aqui eu não sei se ela tá pensando num sentido ativo, o que vou fazer pra mudar, não essa mulher parece que ela lembra, lembra coisas boas... da vida dela, ou coisas... da vida passada, do tempo passado, ou coisas boas num tempo futuro, mas não coisas boas, babacas, porque ela está muito alheia, ela não tá com ar... feliz de quem tá antegozando coisas boas, ou quem tá saboreando coisas passadas. Ela parece que ela tá grave, embora ela esteja muito doce também. Então eu diria que ela está... ci mando, mas seriamente, sobre a vida dela, sobre o que ela já vi veu, sobre o que ela pode viver ainda, as lembranças do que ela já fez, do que ela já sabe sobre a vida... do que ela acha que ela ainda tem para aprender, tá, aprender é meio cretino, eu a cho, do que ela tem ainda para descobrir..., ela deve tá pen san do..., será qual é a melhor forma, não digo, que isso é muito mau... (P) olha, decididamente, eu acho que ela não tá pensando nem qual é a melhor forma. Eu acho que ela tá apenas relembrando coisas... e vendo em que medida essas coisas que ela relembra podem influir pra vida dela. Muito difícil pra mim meio e fim, porque eu acho que esse momento aqui dessa pessoa é muito importante. Não sei o fim, que ela vai levantar daí e fazer o que, sei lá, por mim ela fica aí uma hora, duas ...

9MF

S4 - Estão uma mãe e uma filha... Essa moça aqui em baixo, ela

está desesperada, pra mim ela está transtornada, pra mim ela corre em direção a alguma coisa, pode ser uma pessoa, um homem, uma mulher, uma criança, um... criança não, criança não daria esse... porque eu ia dizendo criança não daria esse... essa raiva, dá sim. Gozado, a impressão que eu tenho é que ela corre com raiva, transtornada, é isso mesmo. Não é por um perigo que uma criança esteja correndo, num rio, não, ela corre com raiva, ela está transtornada. E a outra mulher me parece, eu diria que deve ser a mãe dela, que vem, que tenta... contornar ou controlar, não sei, quer dizer, controlar no sentido babaca de minha filha não fique assim tão transtornada por esse motivo X ou Y, ou contornar no sentido legal, dizendo não faz isso, não vale a pena, não é assim que se faz. Não sei se é uma forma independente da outra. (T) Mas ela tá violenta, desesperada e corre e não se sabe o que ela vai fazer quando alcançar esse objetivo. Nem ela sabe, nem a mãe dela. Então a mãe dela vem... traz alguma coisa na mão, um livro, umas roupas, né, a mãe dela parece que impede, tenta impedir que ela faça alguma coisa de má, né, doida, maluca, pra mim é evidente que ela vai fazer. E pra mim também é... a mãe dela não vai conseguir. Ela tá com um ar decidido demais e a mãe com o ar suave demais. Eu não sei o que a moça tenta buscar, o que ela... essa gana que ela tem no rosto, o que ela vai fazer, mas não é essa, essa, não é interrupção, essa entrada da mãe que vai impedir não. Ela vai fazer.

Sujeito 516MF

S5 - É a estória de uma mãe, que tinha uma filha e essa filha precisava muito dela e, essa filha era doente, daí ela precisar muito dela. E, uma vez, a filha chamou a mãe e ela... a mãe não ouviu e ela desceu pelas escadas. E caiu. Quando a mãe chegou, a filha tava caída, então a mãe pegou e pegou-a nos braços, começou a acariciá-la, com medo que tivesse acontecido alguma coisa mais séria. Mas felizmente não houve nada mais sério, a menina apenas sofreu algumas... alguns arranhões. Tá bom, ou ...

(vai deixar o filho com a empregada)

4

S5 - Bom, aqui parece a estória de um rapaz, muito bonito e uma moça. Ela gostava muito dele, mas ele não dava muita bola pra ela. Então ela vivia implorando pelo amor dele, e ele sempre... a desprezava-la. Até que um dia, ela cansou de implorar o amor por ele e resolveu ir embora.

3MF

S5 - Me parece uma moça triste, muito triste. Ela sofreu uma grande desilusão. Ela é sozinha, não tem parentes e a única pessoa que ela gostava foi embora. Tá assim muito rápida, ou você quer ...

E - Eu só queria fazer uma pergunta: como ela ficou?

S5 - Como ela ficou? Ela se sentiu muito só, desamparada por já não ter família, ficou realmente muito triste e assim desesperada, porque assim a única pessoa que ela tinha ... que ela pensava que tinha alguém, né, foi embora. Então realmente ela sentiu um desespero muito grande de se sentir só.



8MF

S5 - Aqui me parece uma mulher, resolvida, independente, que trabalha, e a atividade dela é muito grande, e às vezes ela se interroga, se pergunta, o que é que ela faz, o que será da vida dela. E como ela age no momento, tá... o que ela faz, tá trazendo benefício, o que ela tá tirando com isso, que proveito que ela tá tirando dessa atividade, ela trabalha demais. Então não tem muito tempo para se divertir. Então ela questiona muito sobre... sobre isso, entendeu? Até que ponto é válido todo esse desgaste de trabalho, de tornar-se uma mulher independente. Para que, entendeu, se ela pouco tá tirando proveito disso.

9MF

S5 - Aqui me parecem duas amigas que se desentenderam. Eram muito amigas desde a infância, e por um mal-entendido elas se desentenderam, uma resolveu ir embora e disse para a outra que não ia vê-la mais. E realmente a outra se sentiu assim muito triste, de samparada. Talvez ela tivesse um ... um elo muito grande de amizade, amizade por esse mal-entendido e uma delas vai embora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGRAS, M.. A Dimensão Simbólica: simbolismo nos testes psicológicos. Petrópolis: Vozes, 1980
- BAMBERGER, J.. O Mito do matriarcado: porque os homens dominavam as sociedades primitivas. In: ROSALDO, M.Z. e LAMPHERE, L. (coord.). A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- BERGER, P.L. e LUCKMANN, T.. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 1974.
- BERNSTEIN, B.. Classes sociais, sistemas de fala e psicoterapia. In: FIGUEIRA, S.A. (coord.). Psicanálise e Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- BOURDIEU, P.. Esquisse d'une théorie de la pratique. Genebra: Librairie Droz, 1972.
- CANTO-KLEIN, M. e RAMOGNINO, N.. Les faits sociaux sont pourvus de sens - Réflexions sur l'analyse de contenu. Connexions, nº 11, 1974.
- CARDOSO, I.A.. Mulher e Trabalho. São Paulo: Cortez Editora, 1980.
- CHODOROW, N.. Estrutura familiar e personalidade feminina. In: ROSALDO, M.Z. e LAMPHERE, L. (coord.). A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- COSTA, J.F.. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- DONZELOT, J.. La police des familles. Paris: Minuit, 1977.
- ELIOT, T.S.. Quatro Quartetos. (Tradução de Ivan Junqueira). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- ENGELS, F.. A origem da família, da propriedade privada e do estado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- FLAHAULT, F.. Situer l'analyse structurale des récits. Connexions, nº 11, 1974.

- FREUD, S.. Femininity. In: New introductory lectures on psycho-analysis (1933 1932 ). Standard Edition. Londres: The Hogarth Press, 1953.
- FREUD, S.. Some psychological consequences of the anatomical distinction between the sexes (1925). Standard Edition. Londres: The Hogarth Press, 1953.
- GODELIER, M.. As relações homem-mulher: o problema da dominação masculina. Encontros com a Civilização Brasileira, nº 26, 1980.
- GOFFMAN, E.. The arrangement between the sexes. Theory and Society, vol. 4, nº 3, Fall 1977.
- GREIMAS, A.J.. Semântica Estrutural. São Paulo: Ed. Cultrix, 1976.
- HENRY, P. e MOSCOVICI, S.. Problèmes de l'analyse de contenu. Langages, nº 11, 1968.
- HIERNAUX, J.P. Quelques éléments pour l'observation et l'analyse de performances culturelles. Recherches Sociologiques, vol.IV, nº 1, 1973.
- HIERNAUX, J.P. e REMY, J.. Rapport à l'espace, rapport au corps et intégration sociale. Recherches Sociologiques, vol. VI, nº 3, 1975.
- HIERNAUX, J.P.. L'institution culturelle: méthode de description structurale. Louvain: Presses Universitaires de Louvain, 1978.
- IRIGARAY, L.. Le langage "de" l'homme. Revue Philosophique, nº4, 1978.
- KANDEL, L.. Reflexões sobre o uso da entrevista, especialmente a não-diretiva, e sobre as pesquisas de opinião. In: THIOLLENT, M.. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: Polis, 1980.
- LEVY, A.. Avant-propos. Connexions, nº 11, 1974 (a).
- LEVY, A.. L'interprétation des discours. Connexions, nº 11, 1974 (b).
- MEAD, M.. Sexo e temperamento. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- MEAD, M.. Macho e Fêmea. Petrópolis: Vozes, 1971.
- MEILLASSOUX, C.. Mulheres, celeiros e capitais. Porto: Afrontamento, 1977.

- MICHELAT, G.. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em Sociologia. In: THIOLENT, M.. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: Polis, 1980.
- MILLER, J.B.. Toward a new psychology of women. Middlesex: Penguin Books, 1976.
- NASH, J.. Development Psychology: a psychobiological approach. New Jersey: Prentice Hall Incorporation Englewood Cliffs, 1970.
- ORTNER, S.B.. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, M.Z. e LAMPHERE, L. (coord.). A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- PALMADE, J.. L'analyse de contenu comme processus et ses déterminations contextuelles. Connexions, nº 12, 1974.
- PRADO, D.. Ser esposa: a mais antiga profissão. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- REMY, J., HIERNAUX, J.P. e SERVAIS, E.. Formes religieuses en transformations. Rapport à l'ordre social et aux structures symboliques. In: Actes de la 13<sup>eme</sup> Conférence Internationale de Sociologie Religieuse. Lille, Ed. du C.I.S.R., 1975.
- REMY, J.. Introduction à une méthode d'analyse structurale élaborée dans une perspective d'interprétation sociologique. Seção de análise cultural do Centro de Sociologia Urbana e Rural da Universidade de Louvain-la-Neuve, 1976 (não publicado).
- RODRIGUES, A.M.. Operário, Operária. São Paulo: Símbolo, 1978.
- ROSALDO, M.Z. e LAMPHERE, L.. Introdução. In: ROSALDO, M.Z. e LAMPHERE, L. (coord.). A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- SAFFIOTI, H.I.B.. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SAFFIOTI, H.I.B.. O fardo das brasileiras. Escrita/Ensaio, Ano III, nº 5, 1979.
- SILVA, M.L.E.. Interpretação de testes projetivos. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, B.M. et alli.. Espelho de Vênus. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BEAUVOIR, S.. O Segundo Sexo. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BROWN MILLER, S.. Against our will. Londres: Secker e Warburg, 1975.
- CHABROL, C.. Que peu-on demander à l'analyse du discours? Connexions, nº 12, 1974.
- CHESLER, P.. Women and madness. New York: Doubleday Co., 1972.
- CHOMBART DE LAUWE, P.H.. Imagens da mulher na sociedade: pesquisa internacional dirigida por Paul Henry Chombart de Lauwe. São Paulo: Senzala, 1967.
- COQUET, J.C.. Sémantique du discours et analyse de contenu. Connexions, nº 11, 1974.
- ENCONTROS COM A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, nº 26. Mulher hoje. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- FRIEZE, I.H. e RAMSEY, S.J.. Nonverbal maintenance of traditional sex roles. The Journal of Social Issues, vol.32, nº 3, 1976.
- GREIMAS, S.J.. Sobre o sentido: ensaios semióticos. Petrópolis: Vozes, 1975.
- HAHNER, J.E.. A mulher no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- HOLSTI, O.R., NORTH, R.C., ZANINOVICH, H.G., DINNES, D.A.. Content Analysis. Northwestern University Press, 1963.
- HUNTER, J.E.. Images of woman. The Journal of Social Issues, vol. 32, nº 3, 1976.
- IRIGARAY, L.. Ce sexe qui n'en est pas un. Paris: Minuit, 1977.
- JULIEN, P.. L'interprétation analytique et les bavardages de notre culture. Connexions, nº 11, 1974.
- LACOUT, A. et VERGES, P. et P.. Un essai d'analyse de discours. Connexions, nº 12, 1974.

LAPORTE, H.. Status du texte théorique: pourquoi ça et pas autre chose? Connexions, nº 12, 1974.

MITCHELL, J.. Las mujeres: la revolución más larga. In: RANDALL, M.. Las mujeres. México: Siglo XXI, 1976.

MULHER BRASILEIRA: Bibliografia anotada. Fundação Carlos Chagas. São Paulo: Brasiliense, 1979.

ROSALDO, M.Z.. A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica. In: ROSALDO, M.Z. e LAMPHERE, L. (coord.). A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ROUSSEAU, J.. De la vanité de savoir l'heure. Connexions, nº12, 1974.

SACKS, K.. Engels revisitado: a mulher, a organização da produção e a propriedade privada. In: ROSALDO, M.Z. e LAMPHERE, L. (coord.). A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

TROGNON, A.. Une pratique itérative - sur la situation théorique de l'analyse de contenu. Connexions, nº 11, 1974.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

*Esther Frankel*

Esther Frankel - Orientadora  
PUC/RJ - Deptº de Psicologia

*Anamaria P. Coutinho*

Anamaria Coutinho  
PUC/RJ - Deptº de Psicologia

*Terezinha Feres Carneiro*

Terezinha Feres Carneiro  
PUC/RJ - Deptº de Psicologia

Visto e permitida a impressão  
Rio de Janeiro, 12/3/82

*Vera Maria Ferrão Candau*

Vera Maria Ferrão Candau  
Coordenadora dos Programas de  
Pós-Graduação do Centro de  
Teologia e Ciências Humanas.